



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO
E INTERNACIONALIZAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

NATHÁLIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA.

UMA LEITURA DE LUGAR EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA ERA DIGITAL:
Experiências instagramáveis na área do Anel Viário em São Luís-Maranhão.

São Luís

2024

NATHÁLIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA.

UMA LEITURA DE LUGAR EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA ERA DIGITAL:

Experiências instagramáveis na área do Anel Viário em São Luís - Maranhão.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - Mestrado Interdisciplinar - da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Garcez Rocha, Nathália Christine.

UMA LEITURA DE LUGAR EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA ERA DIGITAL : experiências instagramáveis na área do Anel Viário em São Luís-Maranhão / Nathália Christine Garcez Rocha. - 2024.

78 p.

Coorientador(a) 1: Kláutenys Dellene Guedes Cutrim.

Coorientador(a) 2: Grete Soares Pflueger.

Orientador(a): Antonio Cordeiro Feitosa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,ma, 2024.

1. Espaço e Lugar. 2. Práticas Cotidianas. 3. Netnografia. 4. Anél Viário. 5. . I. Cordeiro Feitosa, Antonio. II. Dellene Guedes Cutrim, Kláutenys. III.

NATHÁLIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA.

UMA LEITURA DE LUGAR EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA ERA DIGITAL:

Experiências instagramáveis no Anel Viário em São Luís-Maranhão.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - Mestrado Interdisciplinar - da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa (orientador)
Doutor em Geografia (UNESP-Rio Claro)
Estágio Pós-Doutoral no IGOT-Universidade de Lisboa.
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof^a. Dr^a. Kláutenys Dellene Guedes Cutrim
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP-Araraquara)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof^a. Dr^a. Grete Soares Pflueger (convidada)
Doutora em Urbanismo (PROURB-UFRJ)
Universidade Estadual do Maranhão

À minha família,
minha razão de vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, minha fonte inesgotável de sapiência e coragem. À minha família, em especial minha mãe, ao companheirismo e orientação do meu irmão e ao silêncio acolhedor do meu pai e avó, aos meus colegas de turma, ao meu orientador por sua generosidade e acolhimento e a todos que de alguma forma me deram apoio e comungam da ideia de que a educação e a cultura são bases fundamentais para uma vida mais digna e próspera.

“A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera,
é um meio de conhecer realidades que não se
veem”

Hebreus 11

RESUMO

A massificação do uso da tecnologia ratifica o ditado popular: “recordar é viver”, todas as vezes que fotos de lugares são compartilhadas nas redes sociais uma mensagem é transmitida entre interlocutores. Na era do “posicionamento digital” é salutar compreender a forma como a população interage com os lugares, pois em poucas horas nas redes é possível perceber a quantidade de registros de locais por vezes descritos como perfeitos; novos termos como: lugares “instagramáveis” são recorrentes no diálogo dos internautas. Mas, na vida real, como se efetua a relação dessas pessoas com estes lugares? Com este trabalho pretende-se compreender como se insere a ideia de patrimônio histórico, na contemporaneidade da era digital, especificamente identificar as experiências instagramáveis de usuários de espaços públicos tombados de São Luís do Maranhão, um recorte da Avenida Senador Vitorino Freire, devido a sua ligação com equipamentos urbanos significativos da cultura maranhense como: Capela de São Pedro, Passarela do Samba, Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão, Parque São João Paulo II e o popular Anel Viário que passou por uma reforma urbana significativa, desde 2018, no Terminal e Parque Urbano Fonte do Bispo, que teve seu processo de finalização no ano de 2023. Com o objetivo de entender como intervenções deste nível afetam as dinâmicas cotidianas, despertando o sentimento de pertencimento e a relação das pessoas com os espaços públicos e, em especial, os inseridos em área de valor histórico e cultural de referência para a cidade, este trabalho está embasado nas ideias de espaço, lugar e no sentimento de pertencimento que tanto se busca alcançar após obras de intervenção urbana, em destaque para as realizadas em centros históricos que carecem de vitalidade sem perda dos valores que carregam.

Palavras-chaves: Espaço e Lugar. Práticas Cotidianas. Netnografia. Anel Viário. São Luís-MA.

ABSTRACT

The mass use of technology confirms the popular saying: “to remember is to live”, every time photos of places are shared on social networks a message is transmitted between interlocutors. In the era of “digital positioning” it is useful to understand the way in which the population interacts with places, as in just a few hours on the networks it is possible to perceive the number of records of places sometimes described as perfect; New terms such as “instagrammable” places are recurrent in internet users’ dialogue. But, in real life, how do these people relate to these places? This work aims to understand how the idea of historical heritage fits into the contemporary digital era, specifically identifying the Instagrammable experiences of users of listed public spaces in São Luís do Maranhão, a section of Avenida Senador Vitorino Freire, due to its connection with significant urban facilities of Maranhão culture such as: Capela de São Pedro, Passarela do Samba, Centro de Comercialização de Produtos Sananais do Maranhão, Parque São João Paulo II and the popular Anel Viário which has undergone a significant urban renovation, since 2018, in Fonte do Bispo Terminal and Urban Park, which was completed in 2023. With the aim of understanding how interventions at this level affect everyday dynamics, awakening the feeling of belonging and people's relationship with public spaces and, in Specially, those inserted in an area of historical and cultural value of reference for the city, this work is based on the ideas of space, place and the feeling of belonging that so much seeks to achieve after urban intervention works, especially those carried out in centers histories that lack vitality without losing the values they carry.

Keywords: Space and Place. Everyday Practices. Netnography. Ring Road. São Luís-MA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1-Mapa das Zona de Preservação Histórica -ZPH pela lei 3252/1992.....	20
Figura 2- Mapa dos limites de tombamentos institucionais de São Luís MA.....	22
Figura 3- MasterPlan da área contemplado pelo Pró-Cidade.....	34
Figura 4-Área da intervenção – Projeto Básico do Terminal.....	35
Figura 5- Fotomontagem do Terminal Rodoviário da Fonte do Bispo	36
Figura 6- Praça 2	37
Figura 7- Pesquisa Netnográfica da Capela de São Pedro 2022.	49

Fotos

Foto 1- Avenida Vitorino Freire em obras no dia 21 de outubro de 2022	50
Foto 2- Avenida Vitorino Freire durante o carnaval de 2023	51
Foto 3- Praça durante a visita do dia 20 de fevereiro de 2023	51

Tabela

Tabela 1- Questionário aplicado	50
---------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
DPHAP	Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SEMPE	Secretaria de Projetos Especiais

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	1
2. ESPAÇO E LUGAR: uma relação de memória	3
2.1. Apropriação do espaço público	13
2.2. Panorama do urbanismo progressista em área de preservação histórica ZPH de São Luís e o marketing urbano.	18
3. PATRIMÔNIO HISTÓRICO	30
3.1 Histórico e seus equipamentos urbanos	31
3.2. Sentimento de pertencimento: Avenida Senador Vitorino Freire como espaço cultural	32
4.METODOLOGIA	41
5. ERA DIGITAL: NETNOGRAFIA NA AVENIDA SENADOR VITORINO FREIRE.....	42
5.1.Relação da sociedade na era digital: instagramável	43
5.2.Coleta de dados: Instagram como ferramenta netnográfica.....	48
5.3. Pesquisa de campo: aplicação de questionário	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE A: INSTRUMENTO PARA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO	62
APÊNDICE B: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	1

“O espaço é um atributo material de todos os valores de uso”

(Harvey, 1982, p. 375)

1-INTRODUÇÃO

Partindo da frase popular: “recordar é viver”, todas as vezes que imagens de lugares “viralizam”¹, uma mensagem é transmitida entre interlocutores, na era do “posicionamento digital” nada mais salutar compreender a forma com que a população interage com essas imagens de lugares, em poucas horas nas redes é possível perceber a quantidade de registros em locais por vezes descritos como perfeitos, novos termos como: lugares “instagramáveis” já são recorrentes no diálogo dos internautas. Mas na vida real, como se dá a relação dessas pessoas com estes lugares?

Devido às inúmeras obras de requalificação urbana, realizadas nos últimos anos em São Luís do Maranhão, em destaque para as áreas de tombamento, há grande receptividade frente a uma carência estrutural por parte da população em disponibilidade de espaços públicos qualificados para o lazer. Conceitos como o espaço, o entendimento de lugar e não-lugares ganharão destaque no presente trabalho, visando um estudo que permitirá uma nova discussão, um novo olhar sobre essa prática no cotidiano ludovicence.

Nesta circunstância faz-se necessário entender de que forma as imagens expostas no meio virtual afetam o meio real, quais sentimentos provocam e se sua repercussão funciona como um convite, um chamariz para novos apreciadores daquela paisagem. E se essa dinâmica promove o sentimento de identificação, pertencimento, se afeta o valor sociocultural e patrimonial destes espaços.

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (Augé, 1994, p. 73)

Na tentativa de traçar uma conectividade entre as ideias de lugar, não-lugar e memória, nasce a importância de compreender a relação do patrimônio na contemporaneidade, na era digital, têm-se o objetivo geral de compreender como este se insere no cotidiano das pessoas. Para tal, o uso da netnografia será ferramenta, contribuindo com as discussões sobre intervenções em espaços públicos tombados, dado os inúmeros projetos de requalificação urbana na cidade de São Luís.

Trata-se de um trabalho teórico de caráter exploratório por meio de observação direta fazendo uso da pesquisa qualitativa, pois não se atém exclusivamente a dados numéricos. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo, com foco no levantamento e coleta de dados. Embasados na etnografia Urbana,

de “perto e de dentro” (Magnani, 2002, p. 14), podemos lançar luz sobre as relações deste espaço e a sua relação com o restante da cidade, a partir da abordagem netnográfica. Para cumprir os objetivos desta pesquisa, estabeleceram-se os procedimentos metodológicos, estruturados em três etapas:

- 1- Recortes sobre o aporte teórico-conceitual relativo às categorias espaço e de lugar e seus desdobramentos, discussão sobre apropriação do espaço público e um panorama do urbanismo progressista na atuação dos gestores em intersetores em área de patrimônio histórico e sua utilização no fenômeno marketing urbano;
- 2- Discussão sobre o Patrimônio Histórico e a promoção do sentimento de pertencimento da Avenida Vitorino Freire como espaço cultural;

3- A “netnografia”, um levantamento sobre as experiências dos usuários e seus relatos em meio às redes sociais, destaque para o Instagram como ferramenta de coleta de dados, uma leitura social no século XXI. Objetivando colher os relatos qualitativos dos usuários e o mapeamento temático destes pontos históricos analisados no nel Viário, localizado na Avenida Vitorino Freire em São Luís do Maranhão.

Destaque para a última etapa que, com o uso da netnografia como ferramenta para medir a receptividade da população por meio das redes sociais e a análise pós ocupacional elaborada a partir de levantamento de campo registradas por meio de relatório de visita, entrevistas com os usuários e fotos será possível a elaboração de matrizes temáticas, um mapeamento das situações que serão encontradas.

Todas estas informações darão suportes para as recomendações finais ao qual permitirá a compreensão da ideia de patrimônio na contemporaneidade e se essas relações tendem a se manter após o ineditismo, ou seja, se ajudam a criar vínculos, sentimento de pertencimento e reforçam a ideia de lugar para a população maranhense.

Desta forma o objetivo geral da pesquisa é compreender como se insere a ideia de patrimônio cultural, visto como algo do passado, no contexto da contemporaneidade, da era digital. Especificamente visa identificar as experiências instagramáveis de usuários de espaços públicos tombados de São Luís do Maranhão e traçar uma leitura embasada nas ideias de espaço, lugar e não-lugar e o sentimento de pertencimento ao qual tanto se busca alcançar após obras de intervenção urbana, em destaque para as realizadas em centros históricos que carecem de vitalidade sem perda dos valores ao qual historicamente carregam.

As redes sociais é ferramenta que ajuda na promoção do uso dos espaços públicos. Entretanto, a divulgação de imagens dos espaços públicos nas redes sociais, descritos como perfeitos ou mesmo instagramáveis, nem sempre condiz com um uso contínuo, vínculo, apropriação ou sentimento de pertencimento dos espaços por parte da população maranhense. A população se sente convidada a visitar os espaços públicos no centro histórico após a divulgação de imagens da inauguração das obras nas redes sociais, mas, após o ineditismo nem sempre estes espaços se mantêm com vitalidade.

2. ESPAÇO E LUGAR: uma relação de memória

Entender as contribuições da geografia humanística para as reflexões sobre espaço, lugar e não-lugar é um suporte intelectual fundamental para a relação do homem com a cidade, os recortes presentes neste capítulo visa criar um repertório que contemple o estudo da memória em meio ao cenário de alterações da paisagem na cidade de São Luís do Maranhão, após obras urbanísticas estaduais.

A geografia humanística é uma corrente interdisciplinar de estudos da relação do homem com o espaço, que surgiu no início do século XX, relacionando aspectos humanos e geográficos, difundidos por correntes ideológicas fenomenológicas, que após longo percurso ganhou status de ciência, pois atesta a sua contribuição na leitura do meio natural como parte significativa para o bem estar na vida na terra.

O filósofo Gaston Bachelard (Bachelard, 2008) e o geógrafo Éric Dardel foram contemporâneos e é possível identificar semelhanças de suas correntes ideológicas “pelos interesses nos mitos, na estética, na hermenêutica, na fenomenologia e no existencialismo.” (Davim, 2020, p. 96) mesmo que não se tenham registro de uma relação direta entre eles. Seus escritos tinham fundamentações em filósofos com Nietzsche e Heidegger.

Éric Dardel em sua obra “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica” (Dardel, 2011) propõe maneiras interpretativas sobre a Terra. Sob influência do seu sogro, etnólogo, fez uso de estudos com os povos originários e a sua íntima relação com os elementos da natureza (analisar a terra, as montanhas, os cursos d’água entre outros), lançando uma “perspectiva poética, mítica e lendária” (Davim, 2016, p. 250).

A correlação dessas categorias, com a condição de existência do homem na terra e a sua capacidade de alteração devido as suas dinâmicas cotidianas dariam a construção da “geograficidade”, que está ligada a “historicidade”, ou seja, a correlação com que se tem com o tempo que o homem é capaz de traçar

alterações na natureza com base na sua existência na Terra, que inicialmente não fora muito compreendido devido ao uso de metáforas e uma linguagem poética e filosófica.

Para Dardel (2011) e Malanski (2015), o conhecimento geográfico se dá a partir da compreensão dos signos que compõe a Terra, ou seja, uma leitura fenomenológica de seus elementos, demonstrando a presença da semiótica em sua leitura de mundo. Além disso, o geógrafo diferencia os conceitos entre espaços geométrico e geográfico, a primeira ligada a geografia analítica newtoniana, este último é melhor compreendido através de informações e relações das práticas cotidianas, suas interações e posicionamento dos homens que constrói essas dinâmicas com algum grau de afetividade.

Segundo Malanski (2015), geógrafos como, o francês, Éric Dardel mesmo sem ter um enfoque sobre a temática, entende que “o lugar é fundamental na construção de outros conceitos espaciais e é a essência que estabelece a geografia como ciência (Holzer, 2010).” O geógrafo fez uso de uma ontologia hermenêutica inspirada pela ideologia Heideggeriana, onde a noção de existência na terra é uma construção estabelecida a partir do tempo, ou seja, “uma formulação filosófica da tomada de consciência de que o destino humano se realiza historicamente”.

Como indica Malanski, estas ideias anunciadas por Dardel de proximidade do homem com a Terra ou mesmo a relação sociedade-natureza são fundamentais para a construção do entendimento de uma geografia mais humana, o que será conhecida como a geografia humanística, que será melhor delineada por Yi-Fu Tuan (Tuan, 2012) e Edward Relph (Relph, 2012). Ambos os autores trazem reflexões sobre a relação do homem com os espaços.

Edward Relph aponta que foi a partir do século XX que a ciência newtoniana onde, o uso do positivismo como método científico deixou de lado aspectos empíricos característicos das emoções humanas, por não ter um valor considerado científico como método dedutivo (Marandola Jr, 2012, p. 19-20). Devido a isso, foi necessário fazer uso da abordagem fenomenológica desenvolvida por Husserl e Heidegger para conseguir justificar academicamente a relevância dos estudos sobre os espaços.

O livro “A poética do espaço” do filósofo Gaston Bachelard, traz em sua introdução as suas propostas acerca de suas contribuições sobre o “espaço feliz” ao qual ele intitula como “topofilia”. O neologismo que será largamente trabalhado pelo geógrafo Yi-fu Tuan, em sua obra de mesmo nome, esclarece os laços afetivos que podem ser criados entre o homem e os ambientes em que este estabelece vínculos com base em suas vivências.

Yi-fu Tuan destaca que a “topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo.” (Tuan, 2012, p. 216). O autor cita a relação do vínculo do agricultor com a terra que devido a sua dedicação com as atividades rurais, sua rotina, suas mãos e músculos são transformados por aquelas práticas.

Então, estes estímulos diários de esforço e dedicação desperta emoções no homem devido essa intimidade criada com o seu habitat, seu lar, o ambiente ao qual se sente pertencente. Assim como uma peça de roupa que é um elemento muito íntimo do ser humano, a casa representa esse elemento material de intimidade, dedicação, esforço e emoções, que quanto maior o tempo, maior o vínculo e criação de lembranças dessa relação.

A roupa é o pertence mais pessoal. São poucos os adultos cujos sentidos de “self” não sofram quando estão nus, ou que não sentem ameaçada a sua identidade quando tem que usar as roupas de outra pessoa. Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo investe parte de sua vida emocional em seu lar e, além dele, ser despejado pela força da própria asa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido a sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas. (Tuan, 2012, p. 223)

Estas ideias presentes em Yi-fu Tuan sobre a casa, Gaston mencionou como “canto no mundo”, ou mesmo, “nosso primeiro universo”, uma relação de realidade, “virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (Bachelard, 2008, p. 24-25). Bachelard descreve a casa como um espaço capaz de abrigar os devaneios, espaço de paz, onde é possível ter as suas emoções de forma segura. Apenas nos espaços considerados casa, pode-se ter intimidade capaz de gerar bem-estar, o sentimento topofílico.

Para Marandola Jr (2012, p. 20-21), Edward Relph aponta as alterações nas paisagens no século XX com inclusão de projetos modernistas na Europa e América do Norte, feitas de forma desassociada com o contexto histórico em que os espaços estavam inseridos. Usava-se tipologias que poderiam ser encaixadas em qualquer lugar no mundo, sem identidade e com a marca das empresas responsáveis pelas obras. Para tal descaracterização o autor denomina de paisagens sem-lugar, a falta de contextualização das novas edificações, a demolição de tantas outras para abrir espaço para as novas fachadas, a perda da identidade geográfica, diversidade, ou seja, seguindo uma padronização arquitetônica. Essa nova dinâmica fora manipulada para criar uma nova identidade de lugares que seguem o valor de mercado.

Estudiosos como Relph e Marc Augé trabalham a distinção do que seria espaço, lugar e não-lugar, ou mesmo, espaços sem lugaridades. Relph aponta sobre os aspectos de lugar e traça uma distinção de lugar e lugaridade. Este último é lido na geografia como a forma com que “os seres humanos se relacionam no mundo” e a abordagem do lugar pode ser considerada segundo vários aspectos.

“Lugar de reunião” para um evento ou uma experiência, como “Localização” com ponto de referência, como “Fisionomia” que está atrelado aos seus aspectos visuais. Pode ser definido em sua essência, ao que o autor destaca como “Espírito do lugar”. Seriam lugares ligados a valores sobrenaturais, espirituais, religiosos e míticos, estes lugares possuem aspectos bem marcantes que os enquadrariam como “excepcionais”. O “sentido de lugar” é entendido pelo autor como “capacidade de apreciar lugares com suas qualidades”, seriam seus marcos históricos ou seu contexto de construção. (Idem, 2012, p. 24), não se podendo esquecer da “interioridade” que é correspondente a familiaridade, só efetivada pela experiência.

Yi-fu Tuan retrata a familiaridade e afeição pela relação que se tem com o passado ao destacar que a “consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.” Ele faz uma alusão a lealdade patriótica de um povo com suas raízes, uma ligação forte com o solo, a exemplo dos povos aborígenes que reconhecem a suas origens pela sua afeição com a mãe-terra, pois é dela que se provém a sua história, condição fundamental de sua existência pela forte ligação com a natureza.

Strehlow, um etnólogo que conhece de perto os aborígenes australianos, disse o seguinte de Aranda: ele ‘se apegava ao chão nativo com cada fibra do seu ser... Lágrimas aparecerão dos seus olhos quando se referir ao lugar do lar ancestral que, algumas vezes, foi involuntariamente profanado por usurpadores brancos do território de seu grupo. O amor pelo lar, a saudade do lar são motivos dominantes, que reaparecem constantemente, mesmo nos mitos dos ancestrais totêmicos’. A história é responsável pelo amor à terra natal. (Tuan, 2012, p. 223-224)

O lar é descrito pelas raízes e onde se é reconhecido como indivíduo, “lugar-sem-lugaridade” onde há uma baixa “capacidade do lugar de promover a reunião” essa descrição não é unânime em sua aplicação, pois os exemplos de “lugar” e “não-lugar” são mutáveis pelas interações dos indivíduos que o utilizam em seu cotidiano. Esta diferenciação merece uma atenção maior ao se aproximar das ideias de Marc Augé.

Marc Augé (2012) também caracterizou os lugares e não-lugares com uma compreensão mais simples, para ele os lugares são onde a vida acontece e os não-lugares são locais de passagem, referindo: aeroportos, rodovias, supermercados ou mesmo lanchonetes fast food. Os não-lugares são espaços onde o indivíduo não reconhece ninguém e vice-versa, pois não possuem laços e estão ali de forma temporária.

Para entender melhor as ideias de Marc Augé é necessário destacar que espaço para ele é definido de forma mais abstrata e ampla, podendo ser indicativo de tempo, distância, espaço aéreo, jurídico, publicitário, ou então, ele pode ser geométrico, antropológico e existencial com base na fenomenologia de Merleau-Ponty, como uma porção maior que abrange os lugares, não-lugares e lugares-sem-lugaridades. Para um não-lugar ele estabelece uma tríade devendo ser: “identitário, relacional e histórico”, uma condição tal que, segundo as palavras deste autor “a supermodernidade é produtora de não lugares”. (Augé, 2012, p. 73)

O Rogério Proença Leite (Leite, 2007, p. 34) cita Gaston Bachelard sobre a relação tempo e espaço, com “a ideia de que é no espaço, e não no tempo, que o passado íntimo se inscreve como tradição”, o autor lança a relação de intimidade que se cria com o espaço para o fortalecimento das relações sociais. A criação dessa intimidade por meio das relações sociais com os espaços se configura como lugar. Entretanto o autor relaciona o conceito do “lugar antropológico” (Augé, 1994) segundo o autor está “relativamente superado como conceito compreensivo das sociedades modernas”, tendo “espaços de fluxos” (Castells, 1999) como conceito complementar, como uma redefinição do próprio conceito de lugar.

A maior diferenciação dos conceitos de Relph e de Augé é que o primeiro coloca os “lugares-sem-lugaridades” como o meio termo entre “lugar” e “não-lugar”. Desta forma, não existe uma forma categórica de estabelecer estas diferenciações sem levar em conta as especificidades de cada indivíduo, com base em suas práticas cotidianas nos espaços anteriormente mencionados. Uma vez que, para quem trabalha nestes pontos ditos como “não-lugar”, estes são “lugar” para um grupo que diariamente passa boa parte de seu dia desenvolvendo uma atividade produtiva, o que seria contrário para quem está de passagem.

Daí a correlação de tempo e de vínculos serão proporcionais, mas, ainda assim significativas para cada contexto. Para Relph, a condição de lugaridade seria uma “qualidade própria de lugar”, é uma tradução mais próxima do termo “placelessness”. Está atrelada à “autenticidade, o encontro, o sentido de lugar, o espírito de lugar, entre outros” essa reunião dará uma “gradação”, como uma régua de vínculo que estará se formando, podendo-se chegar na ideia de “nós” que Relph associa com as raízes mais íntimas de que “podem se sentir mais em casa”, uma relação sentimental que pode ser entendida como laços, ou mesmo os “nós de redes nacionais e internacionais”. Para tal reflexão, pode-se fazer uma ligação com “a casa natal” de Gaston Bachelard, a casa da infância tem esse valor de lugar pela intimidade e será sempre uma referência de um canto no mundo.

Têm-se o “sentido contaminado de lugar” que seria para o autor o lado feio dos lugares, pois a partir de atitudes discriminatórias, os lugares podem ser segregadores e promover desigualdades a partir da expulsão de determinados grupos étnicos e sociais. Problemáticas urbanas como a gentrificação e racismo ambiental, são exemplos destas mesmas ideias de se fazer uso dos espaços de modo antidemocrático, controlado por uma pequena parcela da população que detém poder político e econômico.

Os últimos aspectos de lugar destacados por Relph são “construção de lugar” e “fabricação de lugar”, ambos relacionados à forma mercadológica de parcelar a cidade com base nas demandas econômicas, com alteração na paisagem ditando novos modos de vida, implementação de infraestruturas urbanas, para cenários sem correlação com os moradores ou mesmo uma reprodução de ambientes.

Na China durante a dinastia Han (25-220 d. C.), Yi-fu Tuan resgata as alterações significativas da paisagem destacando a urbanização do campo ao se transformar em cidade, pois “a lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso” que, após alterações desta paisagem pode emergir nas pessoas uma apreciação clichê pela natureza (Tuan, 2012, p. 226-229). As pessoas sentem a necessidade de contemplar aquela paisagem “perdida” que gerava identificação.

As grandes cidades geram modos de vida separados em burocrática e contemplativa. A primeira era usada para conquistar riquezas e posicionamento político, a segunda, era o espaço para os privilégios do descanso, paz e tranquilidade para os estudos, “essa apreciação romântica da natureza é privilégio e riqueza da cidade” (Idem, 2012, p. 228), apenas o cidadão rico gozava desta escolha pendular de moradia.

Os funcionários eruditos, que administraram o Império Chinês, durante aproximadamente dois mil anos, oscilavam entre a fascinação da cidade e do rural. Na cidade, o erudito podia satisfazer sua ambição política, mas o preço era a submissão às exigências confucianas e o risco de censura. No campo, o erudito perdia as vestes do cargo, mas, em compensação, ganhava as delícias de aprender os tranquilos prazeres de uma vida dedicada à compreensão do Caminho (Tao). A classe da pequena fidalguia chinesa tinha sólidas raízes no campo. Os membros mais inteligentes e prósperos se mudavam para a cidade, onde, como funcionários, levavam uma vida compensadora, mas um pouco incerta. (Tuan, 2012, p. 229)

Nesse contexto, é interessante perceber que essa escolha entre cidade e campo já se mostrava como alternativa indispensável na vida destes burocratas que, já sofriam as pressões psicológicas do que era viver no caos citadino. Eles buscavam refúgio no campo “quando a situação política na cidade se tornava desfavorável ou perigosa. Quando a situação mudava, os nossos ‘taoistas’ comumente regressavam à cidade e voltavam a ser ‘confucionistas’ outra vez” (Idem 2012, p. 229)

Desta forma é indispensável dizer o quanto o ar campesino continuava sendo benéfico para o bem estar das pessoas, estes estímulos sensoriais desenvolviam a alegria, renovavam a saúde e fortaleciam seus vínculos familiares e de amizade com os mais íntimos que se reuniam por temporadas. Essa prática desenvolve a afeição pelo lugar e retoma ao sentimento individual ao qual denomina-se, topofilia, criado pela relação homem e lugar de modo espontâneo, que se fortalece com o tempo.

O que seria uma experiência diferente para quem vivencia estes espaços de forma esporádica, como fazem os turistas que não possuem vínculos e estão de passagem. O imaginário do homem criou a busca pelos ambientes que lhe tragam uma relação de tranquilidade, ainda que dentro de um contexto citadino, como um escape que lhe traga equilíbrio em favor do seu bem-estar.

As ilhas triunfaram sobre a propaganda negativa: a afluência dos turistas continuou. Elas adquiriram outro significado, local de fuga temporária. Os Jardins do Éden e as Ilhas Utópicas nem sempre foram levados a sério, menos ainda no século XX. Contudo, a vida moderna no continente lhes garantiu um lugar para onde escapar das pressões do cotidiano (Tuan, 2012, p. 248)

A casa de campo da família, os encontros nos fins de semana pode ser a oportunidade para descobrir novo ambientes que aos poucos farão parte de uma relação de intimidade e familiaridade ao qual já fora exposta neste artigo. Os lugares construídos e fabricados anunciados por Relph, lança luz para os lugares que podem passar uma falsa ideia de autenticidade, mas, apenas as interações das pessoas com os mesmos poderão ditar a sua categoria de lugar ou não-lugar.

Desta forma é possível perceber que para que exista essa emoção, e que a casa ou mesmo a paisagem criam uma imagem material ou mesmo simbólica que precisa ser mencionada. A necessidade do registro em uma sociedade, da era do posicionamento digital, é cada vez mais significativo. A relação da sociedade e natureza, do homem com os ambientes e paisagem mudou por consequência.

Via-se em pinturas renascentistas a presença bucólica das paisagens como uma evocação espiritual deste ambiente, mas cabe o questionamento, “por que o artista decide pintar certos aspectos da realidade e não outros?” (Ibid, 2012, p. 251). As imagens representadas nas pinturas possuíam um viés artístico e delimitado pela bagagem técnica do pintor, nem sempre retratavam a realidade.

Muitos quadros pintados por artistas clássicos possuíam uma liberdade eidética, alusão aos sonhos, mistérios e não uma intenção de registro factual dos lugares, eram imagens que de certa forma representavam o gosto, ou mesmo, anseios sociais; “podemos tomar as paisagens pintadas como

estruturações particulares da realidade que, durante um tempo, desfrutaram da apreciação popular.” (Ibid, 2012, p. 251). Algo não muito distante das imagens expostas na internet através das redes sociais e como as pessoas se relacionam com elas ao destacar o que julgam como importante e merecem ser compartilhado.

Sobre estas imagens, em seu oitavo capítulo, o autor faz uma analogia com a necessidade do registro com que um turista prioriza ao visitar um novo espaço. Esta imagem como uma comprovação da sua ida e de seu vínculo, ainda que diminuto com aquela paisagem, é algo significativo que denota status e lhe preenche o ânimo ao guardar estas lembranças.

Sobre o aspecto do tempo em relação a familiaridade com que vínculos são criados dá-se condições de criação de memória sobre essas vivências, “a afirmação de Aristóteles, segundo a qual “a memória é tempo”. (Ricoeur, 2007, p. 27), fazendo alusão a Bergson sobre a distinção entre memória hábito e memória lembrança, o primeiro voltado para as vivências no presente e que se repete com o tempo e a lembrança, está ligada com o passado, ambos conectados pela “experiência anteriormente adquirida”. Outro importante ponto destacado pelo autor se trata da rememoração ou “*reminiscing*”, fenômeno cerebral de recordar atos, saberes e aspectos do passado, não necessariamente imagens, que pode servir de “*reminder*”, ou seja, uma lembrança da lembrança. Este processo particionado de lembrança é fundamental para a construção das relações de memória e ocorre naturalmente nos hábitos humanos. (Idem, 2007, p. 55)

Evocação e busca são a segunda dupla de oposição. A evocação traz elemento de “rastros mnésicos”, que seriam a primeira impressão, um eikón, um ícone, uma representação abstrata da memória. A busca seria um “reaprender do esquecimento”, e o ato de resgate para não esquecer os rastros mais silentes; seria anterior à recordação, um esforço de produção intelectual que pode ser laborioso ou instantâneo. O esquecimento é um processo natural do corpo humano e todos esses esforços intelectuais fazem parte da “tarefa de não esquecer” (Ibid, 2007, p. 48). Para Pierre Nora, a história seria o conjunto de memórias mortas, o conjunto destas histórias precisam de signos para se perpetuar. Daí a importância do uso de registros documentais desta herança perdida, como o uso da linguagem, gestos e canções.

O historiador trata sobre a ilusão da eternidade, onde a criação de datas comemorativas, de marcos temporais, documentações; lugares museais como espaços de nostalgia ou consagradores de rituais, para lembrar a sociedade sobre a necessidade de se lembrar. Ele acredita que esse processo não é natural, ou seja, “não há memória espontânea”, e sim que estes lugares de memórias são artifícios didáticos elaborados para a conservação do passado frente a natural preferência social pelo novo.

Com as mudanças sociais latentes, Pierre Nora chama atenção para a necessidade da criação destes artifícios que convida a sociedade a não esquecer, ao declarar que “sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los.” (Nora, 1993, p. 13) Mas, é importante questionar a quem pertence essas memórias.

Alguns marcos históricos fazem parte da memória coletiva, mas não há a identificação de uma parcela da sociedade que, sem considerar o seu valor de força sociocultural, entenderia como um “apego visceral que nos mantém ainda devedores daquilo que nos engendrou, mas distanciamento histórico que nos obriga a considerar com um olhar frio a herança e a inventaria-la”. (Ibid, 1993, p. 13-14).

Esse processo é desolador pois representaria uma ausência coletiva de memória, um apagamento de processos culturais tão significativos para a construção da identificação social. Quando Maurice Halbwachs afirma que “a história começa somente no ponto onde acaba a tradição” (Halbwachs 1990, p. 80) seria uma alteração desta sinestesia, seria o declínio das ações sociais motivadoras do processo.

Pierre Nora fala de uma ruptura, a história é um compilado das versões prosaicas das memórias coletivas. Existe para ele a memória vivida e a memória perdida, ou uma memória prótese. A necessidade de se estabelecer marcos ou mesmo critérios e títulos é o sinal da morte desta memória, a instauração de monumentos é a resultante de tal ausência, desta forma a história e a memória se opõe. Para tal prática ele explica essa diferenciação:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado”. (Nora, 1993, p. 9)

A memória coletiva é um percurso longo de marcos que ajudam a canonizar a história, uma união entre as memórias individuais, uma complementação de ausências e rememorações, que se transmuta em um compêndio em que o indivíduo se reabastece continuamente. Para cada meio social, as memórias serão múltiplas, Nora relata as expedições etnográfica do século XVI, como ação fundamental deste resgate de memórias ainda não conhecidas onde, “os administradores coloniais se põem a explorar seu próprio passado” (Nora, 1993, p. 17).

Halbwachs (1990) e Pierre Nora (1993, p. 9) acredita que a relação de memória é pertencente a um povo enquanto que a história “pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal”. Desse modo, quando se trata de valor histórico, sempre tratará de valores mundializados, as listas de tombamento são exemplos materiais e imateriais destes signos que fazem parte de uma memória coletiva, mesmo que não tenha o sentimento de pertencimento por todos.

O entendimento da existência de um meio material considera como contrapartida dois parâmetros fundamentais: a origem, por meio da datação, e a localização em alusão ao lugar. Para Paul Ricoeur (2007, p. 58) não é possível mapear, mensurar sem estabelecer uma forma, é um vínculo entre lembrança e lugar, “fenômenos solidários que comprovam o elo inseparável entre a problemática do tempo e a do espaço.”.

Sobre o passado vivido, como a uma memória individual repertoriada desde a infância, se une com a coletiva, em dado momento elas estão tão ligadas uma a outra que será difícil dissociá-las, pois estes elementos estarão fortemente ligados ao seu espírito. Esse entendimento corresponderia ao forte vínculo dos brincantes de bumba meu boi, ainda que se questione quando foi o primeiro contato com a manifestação artística, o brincante não saberia descrever, pois seu repertório fora costurado de forma tão enraizada que não seria possível a separação do repertório social e individual.

A Memória corporal de Paul Ricoeur tem similaridade com a memória hábito dita anteriormente por Yi-fu Tuan, não há neutralidade no ato de ocupar-se no espaço, “orientar-se, deslocar-se, e, acima de tudo, habitar” (Ricoeur, 2007, p. 57), é requisito primordial universal de existência, como corrobora Gaston Bachelard, “a casa é um corpo de imagem que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (Bachelard, 2008, p. 36)

Assim também são as imagens que se carrega na memória, não há um “vazio absoluto”, elas estão marcadas no espírito mesmo que de forma inconsciente onde esforços intelectuais poderiam acessá-las. (Halbwachs, 1990, p. 77). Estas imagens são fruto das preferências individuais, elas são mutáveis com base nos hábitos, pois adquirem a lógica do gosto social em voga.

As imagens que possuem um caráter topofílico por ter valor de representação da paisagem e valor sentimental para com o retratista, pintor ou mesmo o fotógrafo. Como pode-se perceber nesse trecho: “A topofilia é enriquecida por meio da realidade do meio ambiente quando este se combina com o amor religioso ou com a curiosidade científica”. (Tuan, 2012, p. 254), motivações espirituais ou mesmo racionais e lógicas.

Após o autor descrever características das escolas de pintura dos artistas, suas inspirações em suas retratações com base em sua bagagem técnica de pintura, que pode ser artístico ou mesmo científico, a exemplo de Leonardo Da Vinci, que tinha um rigor científico em suas pinturas, ou seja, um rigor realístico. Destacando o que merece ser evidenciado.

Quais são as imagens evidenciadas, portanto tofólicas, escolhidas como valores de memórias compartilhadas nas redes sociais que estão ajudando a repertoriar a história no século XXI, na dita era do posicionamento digital? Este questionamento será objeto de abordagem nas próximas seções deste trabalho.

2.1. Apropriação do espaço público

Esta seção pretende conceituar os espaços públicos livres e destacar a sua importância como meio agregador de relações sociais e condicionante de cidadania para um estado, a partir do momento que as pessoas se sentem convidadas para usufruir destas infraestruturas. Desta forma, busca-se lançar luz sobre as vantagens que os espaços públicos representam para a vida cidadina, destacando os elementos praça, largo e rua ganharão destaque nessa reflexão.

Os espaços públicos surgem na história de um modo geral com a possibilidade de uma gama de atividades culturais, dentre elas está em suprir as demandas comerciais de trocas de gêneros alimentícios de utensílios para as atividades cotidianas, também utilizados pelos intelectuais para os debates sobre a vida públicas, pela igreja em seus ritos e pelo exército para seus treinamentos militares.

Para Lamas (2004, p. 152) no contexto da formação urbana medieval entre os séculos X e XI reformulada pela força do comércio após a queda do Império romano, as ruas eram usadas “para andar a pé ou com animais de carga”, serviam para ligar os acessos até as edificações ou mesmo, por vezes, eram usadas como “extensão do mercado”. Assim também herdou as funções da rua em São Luís durante os primeiros séculos em meio aos traçados ortogonais das quadras.

Lamas esclarece como o traçado das ruas representa o desenho da cidade, pois é ele que delimita os quarteirões e a disposição das edificações de forma permanente. Os traçados ortogonais das cidades romanas influenciaram o de muitas cidades, assim como São Luís, é a partir do traçado que se tem “a relação mais direta do assentamento entre a cidade e o território”, é nele que se tem a leitura da formação e ampliação da cidade.

A praça a partir de um desenho com intencionalidade, ao que Lamas descreve como “vontade de um desenho de uma forma e de um programa. Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional do encontro” (Lamas, 2004, p. 100-101). Para tal ele complementa com a recomendações de ser: um espaço de permanência, que seja propício para as práticas sociais, de manifestações da vida urbana, da vida comunitária e estruturantes.

O autor também alerta pela diferenciação que se deve dar a largo e terreiro que não condiz conceitualmente com as mesmas características que as descritas anteriormente sobre praça, em muito se deve as diferentes intencionalidades, uma vez que nasceram de espaços vazios sem nenhuma preocupação quanto o seu desenho. Mas ambos fazem parte dos elementos morfológicos identificáveis de um desenho arquitetônico urbano.

Richard Sennet (1988, p. 26-27), no capítulo Espaço Público Morto, cita os espaços públicos no térreo que interligam as áreas térreas entre arranha-céus, como o Lever House de Gordon Bunshaft em Nova York, estes espaços funcionam apenas como passagem, onde “o nível da rua é espaço morto. Não há diversidade de atividades no andar térreo: é apenas uma passagem para o interior”. Essa mesma problemática é percebida em Londres no shopping Brunswick Center, um espaço aberto nada atrativo, com poucos mobiliários em concreto que incentivem a permanência.

Os espaços públicos, a origem da palavra “público” tem relação com a ideia de sociedade, “aberto à observação de qualquer pessoa “ (Sennet, 1988, p. 30), como a praça que é um elemento típico das cidades ocidentais e engembrada pelo mercado davam o tom da cidade de maneira orgânica e livre ao ponto de não se ter uma delimitação exata com um desenho como se conhece atualmente, ou seja, era “irregular e resulta mais de um vazio aberto na estrutura urbana do que um desejo prévio. É na Idade Média que se começa a esboçar o conceito de praça europeia, que atingirá o apogeu a partir do Renascimento”. (Lamas, 2004, p. 154).

Foi a partir dos séculos XVIII e XIX, que a praça passou a ser elemento obrigatório nos traçados urbanos, por ser um espaço idealizado para unir e suprir necessidades de uma coletividade, esse elemento a distingue de outros espaços que sem esses atributos são apenas vazios urbanos. Na urbanística moderna “o desenho do espaço não é acompanhado pela qualificação e significação funcional” (Lamas, 2004, p. 102).

O autor lança uma ideia de alteração de uso, ou mesmo, dissociação dos conceitos característicos que dão as praças suas vantagens no meio social de caráter coletivo para novas funções como a de elementos de valorização de fachadas voltadas para esse tipo de equipamento urbano e por vezes como espaço de estacionamento para atender as edificações do entorno.

Essa ideia de valorização das edificações é uma constante histórica, uma vez que a valorização dos monumentos sempre esteve presente ao se tratar do espaço urbano. Lamas o descreve pela singularidade e pelo aspecto iconográfico ao conferir peso para a cidade devido a presença de sua imagem identitária. Pois são através dos monumentos que se confere os pontos permanentes, ou seja, servem de referencial para se localizar dentro do traçado urbano.

Os monumentos ajudam a compor fisionomia urbana e dão o nível de configuração de bairros, sua ausência representa um “vazio cultural das gestões urbanísticas contemporânea”, dessa forma fica mais fácil entender como as gestões de diferentes períodos históricos sempre investiram neste elemento morfológico como ícone de poder, valorização e exaltação de uma urbe em evolução – o que justifica a necessidade da Carta de Atenas com tratativas de preservação destes bens.

Deleuze e Guattari (1997) e Rogério Proença (2007, p. 40) trata sobre os espaços estriados e lisos, o primeiro está ligado com as ideias de trajetos aos pontos e o segundo, ligado a percurso ao se referir a seleção que se faz sobre os bens culturais que se toma como ícones de representação do patrimônio nacional, cujos marcos representam a “memória das tradições da nação, relaciona-se à possibilidade de fixar pontos que orientam itinerários, demarcam trajetórias e criam lugares”.

Mesmo que pouco mencionadas as árvores e formações vegetais também são importantes elementos morfológicos de constituição do espaço urbano. Os canteiros, jardins, parques e espaços livres margeados e forrados por eles conferem valorização e condições de bem-estar social, climático e ambiental significativo. Lamas esclarece que as árvores e espécies vegetais estão “na mesma escala de valores que a parede, a fachada, ou outro elemento construtivo” (Lamas, 2004, p. 106).

A ocorrência da vegetação confere alteração de sentido entre os equipamentos urbanos, “podem ser usados elementos duros ou minerais”, podem ser usados no desenho arquitetônico como elementos delimitadores de ruas, praças e edifícios, seu uso na contemporaneidade remete a biofilia como um artifício de aproximação do meio urbano com os benefícios sinestésicos que a natureza propicia para o ser humano; além de serem indicadores de qualidade de gestão administrativa e de infraestrutura.

Salienta-se que a sensação de espaço é de ordem psicofisiológica e que a estreiteza das ruas e o estreitamento dos pátios criam uma atmosfera tão insalubre para o corpo quanto deprimente para o espírito. O 4º Congresso do CIAM, realizado em Atenas, chegou ao seguinte postulado: o sol, a vegetação, o espaço são as três matérias-primas do urbanismo. A adesão a esse postulado permite julgar as coisas existentes e apreciar as novas propostas de um ponto de vista verdadeiramente humano. (Carta de Atenas, 1933, p. 7)

Com o advento dos automóveis a paisagem urbana fora alterada significante, se antes as ruas atendiam a uma demanda pedonal, agora se busca retomar estas práticas como um artifício de direito a cidade. Acessar os espaços em diferentes escalas é uma tarefa árdua para os novos gestores, urbanistas, cidadão e entusiastas pela mobilidade urbana acessível.

Nos Estado Unidos, em 1930, os bairros-jardim foram implementados em áreas afastadas das centralidades, com acessos facilitados a partir do uso dos automóveis, com investimentos de financiamento de habitações com a Federal Housing Administration (FHA) e incentivos civis do New Deal. Nos anos 1940 e 1950, o número de habitantes nos subúrbios aumentou se comparado com a centralidade. Os investimentos em escala industrial proporcionaram, pela primeira vez, moradias próprias para mais da metade dos americanos. (Alex, 2008, p. 91-94)

No contexto do fim da Segunda Guerra Mundial, com a injeção econômica do New Deal, o urbanismo mudou muito; os anos 1950 e 1960 foram marcados pela efetivação dos planos que contribuiu com a criação de bairros suburbanos e investimentos viários, esse processo de suburbanização acarretou o esvaziamento das áreas centrais na busca de espaços periféricos de melhor qualidade e no surgimento de necessidades espaciais para atender as demandas automobilísticas. O novo modelo

de circulação traria a rede de vias rápidas para dentro da cidade, e para atenuar os impactos negativos na paisagem e promover espaços para guardar os carros seriam construídas novas infraestruturas viárias. Além do êxodo dos moradores da classe média branca, a cidade presenciava o abandono dos locais tradicionais de comércio, o deslocamento de indústrias e armazéns e a degradação ambiental de bairros residenciais de baixa renda, excluídos dos programas governamentais de habitação. (Alex, 2008, p. 107).

Segundo o mesmo autor essa foi uma estratégia de urbanização que buscava dar conforto aos moradores de bairros suburbanos que tinham nos bairros-jardins como ideologia de habitação ideal para esse novo contexto onde “ato de dirigir [passou a ser] uma rotina cotidiana indispensável” graças aos fortes investimentos viários.

Richard Sennet (1988, p. 28) associa a ideia de movimento com os espaços públicos, através das ruas que permitem a liberdade promovida pela circulação de automóveis, entretanto “perdem todo sentido próprio independente para experimentação” o que altera a forma de se pensar a cidade, que precisa atender as demandas de mobilidade em diferentes escalas e em grandes distâncias.

Sun Alex (2008, p. 110) aponta que houve uma revolta contra a construção de vias expressas nos anos 1960, em São Francisco no Estados Unidos, a revolta denominada de Freeway Revolt. “A manifestação impediu a construção de vias expressas junta ao Golden Gate Park e a finalização da Embarcadero Freeway, uma via elevada de dois andares paralela às margens da baía”.

É curioso saber que nesse contexto, em São Luís do Maranhão a construção de vias fora implementada como ação de expansão da cidade e artifício de proteção do seu conjunto arquitetônico colonial. Devido à presença de poucas edificações residenciais e comerciais, estas remanescentes do período industrial maranhense do fim do século XIX, a avenida está localizada em uma área de Aterro da Barragem do Bacanga dos anos 1970, sua localização serve de principal acesso para a Universidade Federal do Maranhão, área Portuária e acesso direto aos Bairros como Sá Viana, Anjo da Guarda, Bomfim e outros.

Enquanto palco de poder político, as cidades são governadas por autoridades locais que estabelecem políticas e regulamentos que afetam a vida dos cidadãos. A distribuição dos serviços públicos, como transporte, saúde, educação e segurança, dentro do espaço urbano pode refletir diferentes formas de poder político e influenciar a qualidade de vida dos habitantes.

O espaço urbano também tem um impacto no meio ambiente. O planejamento urbano, o uso do solo e a infraestrutura urbana têm consequências diretas na qualidade do ar, na disponibilidade de áreas verdes, no consumo de recursos naturais e na produção de resíduos. O poder de influência do espaço urbano pode ser usado para promover práticas sustentáveis e mitigar os impactos ambientais negativos.

Para além das trocas sociais, o espaço urbano exerce um poder de “dominação econômica ou ideológica”. (Maricato, 2000, p. 168). O espaço urbano molda as interações sociais entre os indivíduos. A disposição física das ruas, praças, parques e edifícios influencia a forma como as pessoas se encontram, se comunicam e interagem umas com as outras, pois a diversidade e a densidade populacional das áreas urbanas proporcionam oportunidades para a formação de redes sociais, o compartilhamento de conhecimento e a criação de identidades culturais.

Compreender e gerenciar esse poder é fundamental para criar cidades mais inclusivas, sustentáveis e habitáveis. É necessário criar articulações para que os espaços não sejam usados como reprodutor de desigualdades sociais, que promovam o sentimento de pertencimento e que propicie o direito à cidade.

Para Henri Lefebvre (2008, p. 13), o direito à cidade não pode ser entendido de forma literal, expressa em papel, mas refletida de forma concreta na cidade. Esclarece o caráter abstrato, político e ideológico dos espaços onde afirma ser fundamental o conhecimento das atividades desenvolvidas no cotidiano, a priori não palpáveis, para o conhecimento da “produção do espaço”.

Lamas (2004, p. 348) destaca que devido a questões política a urbanística moderna valoriza os espaços privados em detrimento dos espaços livres, onde o desenho urbano são instrumentos de loteamento, “ao abolir o loteamento como processo de fazer a cidade, a urbanística moderna encontra novos argumentos para repudiar a urbanística tradicional”, uma remodelação sensível nas questões fundiárias que atuam seguindo a lógica do mercado.

Em resumo, o espaço urbano é um contexto dinâmico que exerce poder de influência nas esferas social, econômica, política, cultural e ambiental. “A produção e apropriação do espaço urbano não só reflete as desigualdades e as contradições sociais, como também as reafirma e reproduz”. (Maricato, 2000, p. 170).

Portanto, Henri Lefebvre salienta que “nem o arquiteto, nem o urbanista, nem o sociólogo, nem o economista, nem o filósofo ou o político podem tirar do nada, por decreto, novas formas de relações” (2008, p. 109), ou seja, as pessoas devem se sentirem atraídas e seguras para vivenciar os espaços e que estes atuem não só como infraestrutura, mas, também como espaços de lazer que permita suprir as necessidades antropológicas socialmente elaboradas.

2.2. Panorama do urbanismo progressista em área de preservação histórica ZPH de São Luís e o marketing urbano.

Essa seção visa traçar um panorama das ações públicas na área de tombamento protegida por lei estadual de São Luís do Maranhão. Uma contextualização a partir do fim do século XIX para adentrar no contexto do século XX, marcado pelo modernismo em seus aspectos progressistas de desenvolvimento urbano, até a chegada do século XXI marcado pelo marketing urbano como estratégia político-administrativa aderida pela gestão pública estadual.

Para Lamas (2004, p. 303) a essência do urbanismo na cidade moderna herda a forma e função de Vitruvio, dos tempos romanos, Palladio, na Renascença e o funcionalismo idealizado por Viollet-de-Duc no século XX, adotam o zoneamento como artifício do planejamento. A crítica do urbanismo dos séculos anteriores era que a união de usos em um mesmo espaço era responsável pela criação de problemas sociais.

Françoise Choay (1979, p. 18) ressalta que os urbanistas do século XX se diferenciam dos pré-urbanistas que eram generalistas por serem profissionais de outras áreas como políticos, economistas, historiadores, sociólogos ou mesmo jornalistas que atuavam de maneira teórica sobre as questões urbanas que precisavam ser tratadas.

A partir do momento que o urbanismo virou objeto direto de arquitetos para solucionar problemáticas sociais de maneira prática após a evolução da sociedade industrial nos países capitalistas. Como os conflitos no meio urbano adensado com uma mão de obra de imigrantes pobres camponeses que alojados em cortiços moravam próximos de seus trabalhos, no contexto industrial inglês do século XIX, cujas fábricas geravam poluição, ruídos e desordenamento urbano.

Benévolo aponta que em 1830 e 1850 surge a urbanística moderna. “A convivência do homem na cidade industrial coloca novos problemas de organização: os antigos instrumentos de intervenção revelam-se inadequados e são elaborados novos, adaptados às condições modificadas”. (Benevolo, 1976, p. 71)

Françoise Choay (1979) e Andrés (2012, p. 22) aponta a “dificuldade dos antigos [urbanistas] em trabalhar com a escala das cidades, especialmente no que tange à inexistência de arquivos e cadastros e de uma cartografia confiável para uma visão do conjunto da malha urbana”. Por vezes a leitura espacial é diminuta se comparada com a de monumentos, ou seja, Andrés faz uma crítica a falta de um levantamento cartográfico detalhado do conjunto da malha urbana, pois não era visto com a mesma importância que os monumentos históricos - vistos de maneira pontual e isolada no contexto urbano.

Françoise Choay (1979) defende que a partir de 1928 se impulsiona o urbanismo progressista através das reuniões do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), quando vários arquitetos em um cruzeiro em direção a Atenas formularam um documento com recomendações para o tratamento aos monumentos históricos e a adoção do zoneamento. Para Andrés (2012), tais reuniões, no lugar de enaltecer apenas a arquitetura moderna, propiciaram a valorização do patrimônio em uma visão do conjunto e dos marcos fundacionais das cidades. A partir das recomendações das cartas patrimoniais foi possível a criação de legislações para que se mantenha viva essa herança histórica.

A Carta de Atenas de 1933 foi um documento que gestou as primeiras ideias de cuidado sobre os monumentos antigos, a carta também postula a necessidade de zoneamentos ao estabelecer que cada atividade deve ter seu devido lugar como “habitação, centros industriais ou comerciais, salas ou terrenos destinados ao lazer”, a carta recomenda a aplicação de legislações que assegurem esse ordenamento, de modo rigoroso para garantir uma qualidade de vida para os cidadãos, assegurando-lhes infraestrutura com elementos fundamentais como luz, entrada de ar e espaços livres nas edificações.

A área urbana da Cidade de São Luís, até o século XIX, se restringia ao espaço que hoje denomina-se como centro histórico. No século seguinte, a partir de intervenções no meio urbano para atender à expansão, foi possível alterar a morfologia urbana¹ dessa cidade que ainda carrega um acervo arquitetônico e paisagístico de uma herança colonial. O plano diretor de 1977, aponta o zoneamento como uma estratégia de desenvolvimento urbano na organização do uso da terra de modo a trazer qualidade de vida para a população com maior acesso a moradias, lotes próprios e infraestruturas urbanas, além de melhor eficiência econômica diminuindo os custos e diversificando a economia a partir da oferta de serviços públicos. (PMSL, 1977, p. 7)

A Lei 3.253 de dezembro de 1992, que regulamenta o Solo Urbano de São Luís, estabelece no artigo 68º que a Zona de Proteção Histórica-ZPH é dividida em duas áreas, a de Preservação Histórica com os limites estabelecidos por leis de tombamento federal e estadual e as Áreas de Preservação da Paisagem que contemplam os setores do Aterro do Bacanga e do Parque do Bom Menino (Figura 01). No artigo 71 da lei 3.253/1992, fica claro que “todas as intervenções físicas em logradouros e áreas públicas e privadas da Zona de Preservação Histórica (...) atenderão às normas específicas e gerais definidas pelo Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural, Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico - MA e Prefeitura de São Luís”.

A zona de preservação histórica da cidade de São Luís possui diferentes delimitações de proteção, uma de tombamento federal, publicada em 1974, administrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN; outra com delimitação estadual a partir de outubro de 1990, de responsabilidade do Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico - DPHAP-MA, além da área de reconhecimento mundial, tombada pela UNESCO desde 1997 (Figura 02). Na atualidade, as áreas

¹ Ciência que estuda as formas físicas (aspectos exteriores) do meio urbano de uma cidade. (LAMAS, 2004, p.37)

de proteção federal e da UNESCO fazem parte do mesmo alinhamento, os limites representados na cor magenta foram englobados na cor indicada em amarelo que corresponde ao de reconhecimento da UNESCO.

Figura 1-Mapa das Zona de Preservação Histórica -ZPH pela lei 3252/1992.

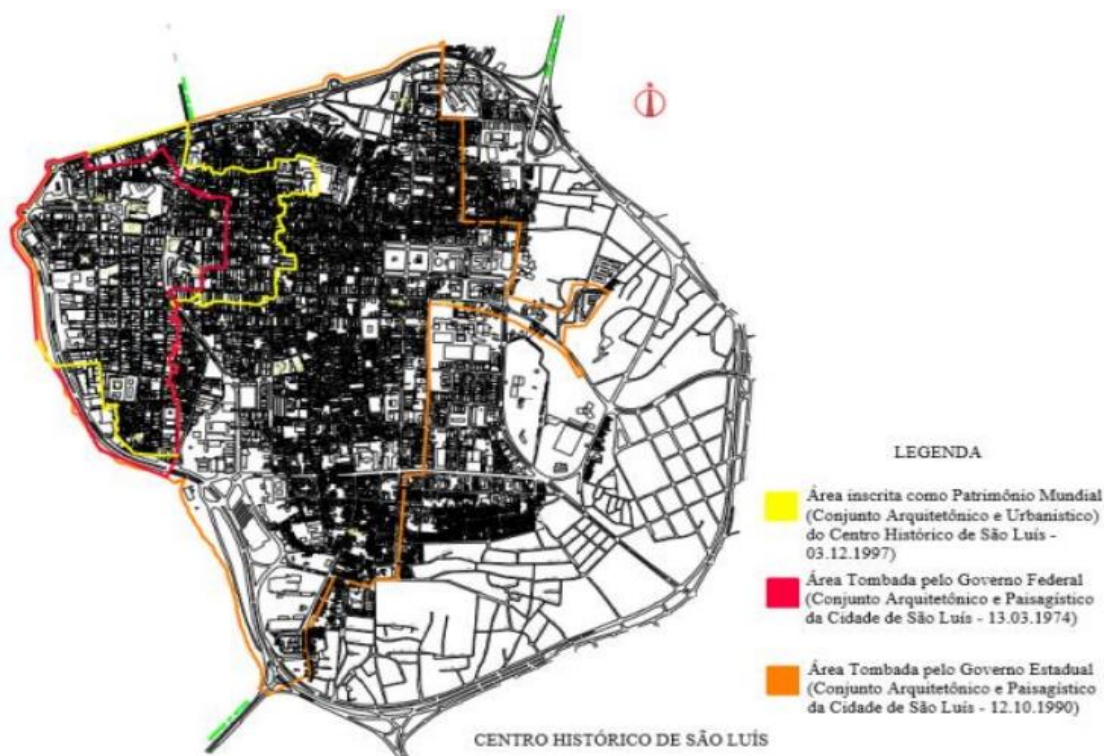


Fonte: Andrés, 1998, apud Pacheco, 2014.

Os séculos XVIII e XIX foram os períodos áureos da economia maranhense que através da criação da Companhia de Comércio Grão Pará e Maranhão comercializou algodão, arroz e couro – durante a fase das Guerras de Independência e Secessão dos Estados Unidos –, principal exportador de algodão para suprir as demandas europeias. Em São Luís, houve um adensamento urbano nos bairros: Praia Grande, Desterro e no entorno da Igreja do Carmo. A infraestrutura urbana e melhoramento das habitações coloniais foram feitas neste contexto, mas ao longo da história esse cenário passou por alterações de uso.

Em São Luís foi instalada a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (em 1755) que introduziu no Maranhão o cultivo do algodão em larga escala, através da mão de obra negra. Agora integrado ao sistema mundial de comércio, através da exportação do arroz, algodão e materiais regionais (agro exportação), o Maranhão canalizou para São Luís e Alcântara os principais portos de escoamento, determinando uma circulação de riquezas que promoveu um florescimento cultural e urbano significativo para as duas cidades. (Espírito Santo, 2006, p. 63)

Figura 2- Mapa dos limites de tombamentos institucionais de São Luís MA



Fonte: UNESCO apud ROCHA, 2019

O século XIX é marcado pela fase industrial maranhense, fruto das riquezas oriundas da exportação de gêneros agrícolas. A capital maranhense, em 1895, tinha um parque industrial importante no cenário mundial e brasileiro, contando com 27 fábricas de tecidos – devido ao excedente desse insumo com o retorno do principal exportador para o mercado europeu: os Estados Unidos – dentre outras de beneficiamento de gêneros agrícolas. (Senado Federal, 2007, p. 55)

Em 1842, o Código de Posturas² estabelece a obrigação de platibandas nos prédios que tinham suas águas escoando pelas calçadas, uma tentativa administrativa de inserir as ideias de progresso com uma característica do estilo Eclético nas fachadas coloniais. Tal documento em nada alterou significativamente o acervo arquitetônico que se mantinha intacto, ilustrando a pouca expressão econômica por parte dos proprietários.

² A Câmara Municipal era o organismo responsável por propor e aprovar as Posturas Municipais, leis específicas para a regulamentação das condutas sociais, do uso do espaço urbano, das relações de trabalho, da comercialização de produtos, da fabricação de artigos, da construção de prédios e praças, além de zelar pelo cumprimento daquelas, através de diligências e averiguações. (Ferreira, 2019, p. 5)

No contexto da era Vargas, século XX, vários estados receberam alterações urbanísticas estruturantes priorizando a circulação dos automóveis, investimentos na indústria de base e nos portos brasileiros evitando possíveis interrupções, em uma proposta de modernização do governo federal. Em São Luís, vias antigas foram alargadas e novas foram idealizadas proporcionando a mudança de eixo da cidade, durante o governo dos interventores Paulo Ramos e Saboya Ribeiro.

Em 1936, Paulo Martins de Souza Ramos foi indicado interventor em São Luís, pelo governo da Velha República, e durante seu governo levou adiante a ideia progressista de modernização da cidade ao indicar como prefeito o engenheiro e urbanista cearense José Otacílio de Saboya Ribeiro, que trouxe na bagagem a experiência da Secretaria de Viação e Obras do Rio de Janeiro.

Em seu diagnóstico sobre São Luís, Saboya Ribeiro constatou primeiramente uma imagem negativa sobre uma cidade antiga e pouco higienizada, falou em mensagem dirigida à Câmara Municipal, quando da sua saída do cargo de prefeito, que os desafios eram grandes em reformar uma cidade bonita, porém, decadente, talvez a única capital do Brasil que conservara um conjunto de casario do século XIX, com suas vias tortuosas, estreitas e íngremes e com seus velhos trapiches (Ribeiro, 1937; Costa; Santos, 2020, p. 644).

Politicamente, a capital São Luís das primeiras décadas do século XX era marcada por grupos oligárquicos que dominavam também as relações com os coronéis do interior do Estado. A estagnação econômica revelou uma carência de modernização e de infraestruturas do meio urbano. Ribeiro (1937) e Costa; Santos (2020, p. 8) aponta sobre a visão de atraso, decadência e baixa salubridade que o acervo arquitetônico pouco alterado passava para os gestores.

Para sanar a imagem rural de uma cidade atrasada, em 1936 Saboya Ribeiro assina o novo Código de Posturas da cidade, com metas urbanas reformistas consistindo na primeira lei a considerar o zoneamento em São Luís e higienista considerando a salubridade das edificações, com propostas e tecnologias compatíveis com as existentes no período em questão, “dividido em 27 títulos, alguns com respectivas seções, conforme a necessidade do assunto. O total de artigos chegou a 508, o maior e mais detalhado entre os cinco códigos de posturas que já existiram em São Luís no intervalo de mais de um século” (Costa; Santos, 2020, p. 646).

No ano seguinte o prefeito estabelece o projeto de “Remodelação, Extensão, Embelezamento da Cidade de São Luiz” com reformas de ruas, vias, praças, mercados públicos e edificações significativas configurando uma “tentativa de modernizar São Luís, não apenas dando a ela um aspecto urbanístico novo,

mas mirando a alteração dos costumes e hábitos, modernizando o seu sistema tributário, ordenando o comércio, a indústria e o transporte”. (Costa; Santos, 2020, p. 651) Tais intervenções não contemplaram espaços periféricos, notadamente os ocupados pela população operária às margens do manguezal.

São Luís na segunda metade dos anos 1930 ainda estava limitada ao que se conhece hoje como o anel viário, que circunda a área central e histórica da cidade e mesmo dentro deste perímetro, em suas margens, ainda havia lugares com características essencialmente rurais. (Costa; Santos, 2020, p. 644)

Segundo Burnnet (2007) e Ellis Pacheco (2014, p. 46) a decadência na área central de São Luís possui três fases, a primeira a partir da diversidade caótica de usos na Praia Grande com a área portuária juntamente com as atividades de interesses das elites comerciais e causando transtornos para os usos residenciais, em 1920. A segunda devido a inserção dos automóveis na dinâmica urbana e a terceira, a partir 1950, marcada pelo plano de expansão urbanístico de Ruy Mesquita lançado em 1958.

A primeira fase foi marcada pela estagnação econômica industrial ocorrida na região nordeste que acarretou pouco potencial de investimentos que possibilitassem alterações na malha urbana e do acervo arquitetônico existente. Mas a partir de 1930, uma nova zona residencial fora construída por incentivo da prefeitura. Estas novas intervenções promoveram a inserção de novos modelos construtivos como o Ecletismo em 1936, após demolições e ampliações de vias, como “o alargamento do “Caminho Grande” (1932) e da Rua Cândido Mendes (1937), foi “retificada” a Rua Jansen Muller e foram demolidas partes de construções na Travessa da Sé e junto ao Convento do Carmo (1931)”. (Costa; Santos, 2020, p. 651)

A segunda foi marcada pela reforma da Rua do Egito e criação da Avenida Magalhães de Almeida, em 1940. Foi um marco significativo para as obras de infraestruturação urbana modernista, uma obra que partiu do Largo da João Lisboa até o Mercado Central, como propunha as ideias de governo do interventor federal Paulo Martins de Souza Ramos. Em meio ao contexto colonial tão defendido por uma parcela de intelectuais que se opunha às demolições necessárias para aberturas de vias e construções de prédios.

A terceira etapa foi marcada pelo Plano Rodoviário da Ilha de São Luís em 1950 e Plano de Expansão da Cidade de São Luís em 1958. Idealizado pelo diretor de Departamento de Estradas e Rodagem do Maranhão (DER), o engenheiro sergipano Ruy Ribeiro de Mesquita, após ser nomeado membro do Conselho Regional de Trânsito durante o governo de Newton de Barros Belo.

O plano rodoviário gestou a concepção de uma ponte sobre o rio Bacanga, como um novo acesso para a cidade além de aumentar a potencialidade da circulação de bens industriais, e uma outra fazendo a ligação entre a ilha de São Luís com o futuro porto de Itaqui. Somado a isso “vias em direção ao Maracanã e a Itaqui, até entroncamento com a BR [135] e, auxiliares a ponte sobre o rio Anil”. (Nunes; Pflueger; 2015, p. 6)

O Plano de Expansão da Cidade de São Luís, em 1958, foi holístico pois levou em consideração as características geográficas do sítio urbano e estratégias de articulação de pontos multimodais. Considerando transportes fluviais, marítimos e ferroviário para atender a demanda de áreas distantes do núcleo urbano do período em questão. Prevvia a “construção de pontes, avenidas e grandes ampliações na malha urbana” tudo para possibilitar um fluxo dos transportes permitindo circulação econômica e da população.

Além disso o plano também estabelecia um regime de zoneamento dividindo as áreas destinadas para o trabalho, moradia, social, lazer e circulação de pessoas e mercadorias. Possibilidade de criação de espaços para atividades culturais como circo, parques para esportes e trocas ambientais, como a possibilidade da construção de um zoológico e cuidado com os gabaritos dos novos prédios na área costeira ao norte da cidade.

A ideia de atravessar os canais do Anil e do Bacanga possibilitando acesso para novas áreas com grande potencial de atratividade para moradias e atividades empresariais, atendendo aos interesses de uma elite capitalista, além do mercado imobiliário, em direção ao litoral norte do município fazendo conexão com as praias do Calhau e Ponta d’Areia foi rapidamente aceita pela população.

Durante sua carreira, Ruy Mesquita foi Secretário de Estado de Negócios de Viação e Obras Públicas em 1961, no ano seguinte como prefeito de São Luís aprovou o Plano Rodoviário da ilha de São Luís que possibilitou a configuração atual da cidade.

O engenheiro foi também um estudioso dos aspectos jurídicos das terras além das margens opostas do Rio Anil¹ de onde levantou as origens históricas, desde a presença dos jesuítas no século XVIII, até a posse por Ana Jansen no século XIX, cuja filha foi herdeira da olaria constituída das terras de São Marcos e São Francisco (atuais bairros de mesmo nome), elucidando a origens dos sítios santa Eulália, Nazareth, Rangedor, Sítio Novo dentre outros além das terras que incluíam a Ponta D’Areia, de posse do patrimônio da União, que foram transferidas a prefeitura de São Luís em regime de aforamento do patrimônio. (Pflueger e Nunes , 2015, p. 2)

Nos anos 1960, a área central de São Luís, indicada pelo bairro da Praia Grande, perdeu o interesse de uma elite residencial que visando ambiente mais pacato e arejado mudou-se para outras áreas ao longo do Caminho Grande³, em bairros como Monte Castelo, João Paulo e Anil. Deixando a área central sem alterações e possibilitando a construção de uma arquitetura eclética com a edificação de bangalôs nestas novas áreas.

Os anos entre 1965 e 1970 foram marcados pela efetivação dos planos de urbanização e expansão de São Luís visando a conexão com as áreas litorâneas da cidade através da ponte Governador José Sarney (1970) e posteriormente da Bandeira Tribuzzi (1980). Essa mudança de eixo proporciona um novo desenho da cidade, onde o estado assume o compromisso de levar infraestrutura para estas novas áreas e em contrapartida os setores comerciais entram com os fornecimentos de bens e serviços. Essa parceria das ideias de Ruy Mesquita resulta no urbanismo de São Luís de hoje desde então pouco alterado.

O Plano Diretor de 1974, durante o governo do Haroldo Tavares, reservou um capítulo para tratar de medidas de preservação. Estabelecimentos de áreas para determinados usos, divisão do Centro Histórico para criar medidas de proteção para cada parcela, definição de normas de uso e gabarito que deveriam ser analisados pelo DPHAP-MA, além da análise de todo e qualquer projeto de obras na área de preservação, agora tombada pelo órgão federal.

Segundo Lopes e Vale (2007), investir a expansão das terras ao norte, atualmente bairros do São Francisco, Renascença e Calhau, em direção às praias, foi pensado desde 1923 pelo engenheiro Eurico Teles de Macedo, preocupado com as questões sanitárias, adensamento e pensando na separação de espaços para os ricos e pobres morar. Onde “parte da população que até então vivia na região central e urbanizada da cidade para áreas de expansão urbana” enquanto que “a população pobre nas áreas rurais do interior da Ilha” poderia se instalar na parte antiga da cidade.

Novo Polo Urbano de São Luís, solicitado a Lúcio Costa pelo prefeito Mauro Fecury, ex-Diretor Superintendente da Companhia Urbanizadora da 2ª Nova Capital do Brasil – NOVACAP, em Brasília, é parte de uma época de grandes projetos urbanos para a capital do Estado – o Projeto Grande Carajás, a construção do Anel Viário (1972-1985) e da Barragem do Rio Bacanga (1968-1973) e a implantação do sistema de abastecimento de água (Italuís), por exemplo. Obras que atraíram para a capital um grande contingente de população do interior do estado e de estados vizinhos. (Lopes; Vale, 2007, p. 17)

³ ‘Caminho Grande’ - via de ligação entre o núcleo urbano inicial e os aldeamentos e vilas do interior da ilha. (Pacheco, 2014, p. 29)

Mas a partir do projeto municipal do Novo Polo Urbano de São Luís (NPU), foi planejada pelo arquiteto e urbanista modernista Lúcio Costa, uma ideia de “Uma Nova São Luís”, espaço moderno em contraposição do histórico do outro lado da ponte.

A proposta de Lúcio Costa para o Novo Polo Urbano de São Luís (NPU) contava com zoneamento de setores por funções, um grande número de superquadras residenciais circulares envolvidas por cinturões verdes e organizadas por dois grandes eixos viários, que configuram uma área central para o comércio, lazer e serviços, no cruzamento das grandes avenidas. Além das diretrizes indicadas para a ocupação da área, o projeto se destaca pela preocupação das relações que esse novo espaço criaria com o núcleo inicial da cidade, além de indicar, em suas notas explicativas, medidas para preservação e melhorias no centro antigo da capital maranhense. (Lopes; Vale, 2007, p. 15)

Dada as medidas legais de tombamento federal, a década de 1970, foi marcada por obras que pela contribuíram com a proteção do acervo arquitetônico e paisagístico, devido a construção do Anel Viário (1972-1985), criado para resguardar o Centro Histórico do tráfego de veículos pesados, além do Projeto Praia Grande (PPG) o Programa de Revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL de 1978), visavam restaurar a área de tombamento de 1974 do Governo Federal.

O urbanismo do século XX é dotado de interesses desenvolvimentistas seguindo a lógica do capital, e toma a cidade como mercadoria, se utiliza do zoneamento como um aspecto delimitador de investimentos e como moeda de troca com os setores comerciais de alto padrão. As parcelas que não estão no gozo dos investimentos, por vezes, ficam descobertos de infraestruturas e se desconectam da parcela maior.

As intervenções em área urbanas definidas como Centros Históricos em todo o Brasil são pontuais. Com base em Hermínia Maricato (2000), governos municipais tendem desde os anos 1990 ao adotar estratégias fragmentadas às quais chamam de “planejamento estratégico”, ou seja, são ações pontuais que ganham status de coisa maior ao ter sua imagem vendida para a população. Assim são as intervenções em centros históricos, são obras que vão se conectando aos poucos ou mesmo funcionam de maneira singular em determinadas localidades.

Proença (2007, p. 41) resgata o termo “ilhas reabilitadas” de Certeau ao cuidado em se intervir de maneira pontual tratando dos espaços tombados como representação do passado “As ilhas reabilitadas formam guetos de pessoas abastadas e as ‘curetagens’ imobiliárias se tornam assim ‘operações segregativas’” (Certeau, 1994, p. 196). Intervenções pontuais segregam e criam uma fetichização de espaços de memória, como relíquias; artefatos disassociados com as realidades sociais pulgentes.

Desenvolvido na Havard Business School, o Planejamento estratégico vem sendo usado vastamente na América Latina devido acordos multilaterais entre administração pública e agências internacionais de financiamento como o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), Agência Habitat das Nações Unidas e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que adota uma postura empresarial na forma de gestão, um processo desenvolvido para contrapor o histórico modelo tecnocrático-centralizado-autoritário.

Os novos gestores adotam uma visão da cidade como mercadoria, empresa e pátria. Uma mercadoria em um ambiente imerso a competitividade urbana, com desafios que lembram os empresários para concorrer por mais financiamentos, tecnologias, bagagem administrativa, negócios e serviços, em um mercado com mão de obra preparada para as novas demandas, e para alcançá-las se faz necessário o marketing urbano como meio de autopromoção em uma competição entre cidades. (Vainer, 2000, p. 77)

É importante saber em que tipo de mercado essa cidade pode ser inserida para se identificar os consumidores em potencial, e assim direcionar as infraestruturas adequadas, o autor destaca o encanto pelo mercado externo que busca atrair ‘usuários solventes’, um público pagante que dinamize a economia. Os planos estratégicos sugerem um tripé com o poder público e privado, sociedade civil organizada e as lideranças locais que entendem a sua consciência de crise, em uma cidadania ativa buscando o consenso ao estabelecer a cidade como um sujeito coeso. Contudo, muitos planos estratégicos são tão parecidos que não distinguem as potencialidades das cidades. A exemplo do sucesso do plano aplicado em Barcelona, é recomendável prever uma “consciência de crise e o patriotismo de cidade” (Vainer, 2000, p. 92)

Um repetitivo processo onde a cidade vira mercadoria e “o eleitor é tomado como consumidor. A mercadoria vendida é a imagem. O esforço de repetição se destina a fixar marcas vinculadas às imagens plasmadas no espaço”. (Maricato, 2000, p. 167). Toda essa articulação funciona como uma publicidade para a população, ao mostrar os resultados das ações efetivadas pelos governantes, como sinônimo de uma boa gestão.

Para Rogério Proença (2007) destaca que existe uma alusão de cidadania com a ação de consumo. Um cidadão consumidor seria avaliado pela renda e poder aquisitivo, porém, a realidade econômica do Brasil é de maioria da população pobre sem esse tipo de poder, portanto, seria antidemocrático analisar apenas por essa forma; a troca seria um aspecto inicial para se considerar, pois cultura do consumo é complexa e influência nas relações sociais.

Borja (1997) e Vainer (2000) aponta sobre o significado e a importância da beleza plástica das infraestruturas urbanas, a exemplo dos desenhos das praças, parques e jardins, como esse desenho gera uma identidade e reforça a cidadania. O poder público faz uso da estética como meio de reforçar sua imagem de compromisso cívico para a população, os desenhos urbanos podem até serem visto como disciplinadores, mas são usados em alusão ao marketing urbano ao ser um cartão atrativo de investimentos sociais.

A publicidade é um artifício de informação, mas também é uma maneira de enaltecer as ações perpetradas por gestores em diferentes esferas governamentais, para tal, uso de vinhetas em tv aberta, anúncios em rádio e outdoors são usados, mas nos últimos anos a rede social Instagram atinge uma significativa parcela da população maranhense.

Harvey (1992) e Hermínia Maricato (2000, p. 170) aponta “pela efemeridade, pelo espetáculo, pela mercantilização da cultura” através de imagens criadas de forma estratégica, com altos investimentos para um bom slogan, como cidades estratégicas, competitiva, sustentável. Informes sobre a aprovação de uma lei, assinatura de um acordo ou andamento e inaugurações de obras é uma constante nesses canais.

O centro histórico de São Luís passou por muitos anos pelo estigma da violência, devido às áreas do baixo meretrício situados ao longo da rua da Palma e a região entre os antigos galpões de fábricas que atualmente funcionam como suporte para o Portinho, um dos principais mercados públicos de pescado. Ações provisórias como a ideia da Feirinha aos domingos convidam uma parcela significativa da população a ter motivos para voltar a frequentar o centro.

As instalações provisórias na Rua Portugal em datas comemorativas como o São João e Natal também contribuem com a quebra de barreiras e viram um cartão postal para turistas e visitantes de todo o estado. Essas ações ainda se encontram restritas a área contemplada pelo projeto Reviver, mas traz um público que dinamiza a economia local, incentiva a circulação de pessoas, cria vínculos sociais e chancela a intensão do estado em promover ações de revitalização do centro histórico.

Hermínia Maricato (Maricato, 2000, p. 172), adverte ao fato de se ter cuidado ao importar ideias fora do contexto social em que se pretende inserir, para se evitar o aumento de desigualdades, problemas no âmbito ambiental, espacial, que podem evoluir para algo maior. Portanto, “é muito deprimente assistir à contraditória e alienada absorção de um modelo importado e depois absorver também de fora sua própria crítica, para em seguida colocar, sem mediações, outro modelo no lugar.”

Hermínia Maricato (2000, p. 173) recomenda que “para não repetir as ideias fora do lugar é preciso ampliar o conhecimento da contraposição entre a história das ideias e a evolução da realidade empírica”, ou seja, é necessário entender as diferenciações que fazem de cada espaço um lugar que se diferencie dos demais ainda que possua similitudes com tantos outros. A cidade como mercadoria transpassada como objeto de luxo, onde o zoneamento categoriza os espaços entre os mais nobres e os periféricos, ou seja, dá um maior protagonismo aos dotados de mais investimentos e os colocam na prateleira da mais valia pelos gestores públicos.

Rogério Proença Leite fala do caráter fragmentário do cotidiano das cidades, ao que ele faz uma alusão a clivagem, da biologia da ilustrar a separação de espaços habitacionais, trabalho e lazer que segueram o urbano de uma forma nociva, assim como, “as intervenções urbanas das áreas centrais das cidades históricas que muitas vezes segmentam política e economicamente ruas e bairros, através dos processos de *gentrification* que têm transformado em mercadoria o patrimônio cultural”. (Proença, 2007, p. 20)

Para o autor, o processo de *gentrification*, no português, gentrificação, está atrelado a noção de patrimônio cultural, seja ele coletivo ou local, em conjunto com a cidade seguindo a lógica do consumo, que transforma os aspectos nacionais em potencial econômico mercadológico. Esse é um processo nocivo para a cidade que pode gerar um esvaziamento os mesmo minar a dinâmicas das trocas sociais genuínas de um lugar, algo que se contrapõem ao que se busca sanar nos debates sobre a necessidade de vitalidade em centros históricos brasileiros.

3. PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Esta sessão deste trabalho tem foco no histórico da Avenida Senador Vitorino Freire, um recorte entre a Praça da Fonte do Bispo até a Capela de São Pedro, ao longo desse trecho muitos outros espaços serão aglutinado nesta análise como: o Terminal Rodoviário, localizado no popular Anel Viário, a Passarela do Samba, Capela de São Pedro, CEPRAMA, Parque São João Paulo II. Estes espaços fazem parte do patrimônio histórico da cidade de São Luís mas têm suas origens em um contexto relativamente recente dentro deste espaço de tombamento estadual.

Para ressaltar a importância que cada espaço como estes anteriormente citado representa para a cidade é importante mencionar Choay (2006, p. 11) em sua introdução ao diferenciar patrimônio de

patrimônio histórico, o primeiro ligado a herança e relação financeira de posse sobre um bem e o segundo cuja herança ou mesmo o bem ultrapassou seu grau de importância para além de um único núcleo familiar e alcança comunidades em escala planetária devido a diversidade dos valores que carregam.

O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. (Choay, 2006, p. 18)

Com as relações sociais vividas com o tempo e com a construção de constrói a antropologia de uma essência de valorização dos monumentos.

A expressão *monumentos históricos* só entrou nos dicionários franceses na segunda metade do século XIX. Seus usos, contudo, já se difundira desde o começo do século e fora consagrado por Guizot, quando, recém-nomeado Ministro do Interior, em 1830, criou o cargo de inspetor dos Monumentos Históricos. Devemos, porém, recusar ainda mais no tempo. A expressão aparece já em 1790, muito provavelmente pela primeira vez, na pena de L.A. Millin, no momento em que, no contexto da Revolução Francesa, elaboram-se o conceito de monumento histórico e os instrumentos de preservação (museus, inventários, tombamentos, reutilização) a ele associados. (Choay, 2006, p. 18)

O autor alerta sobre o desuso da expressão monumentos históricos como sinônimo para patrimônio histórico, uma vez que, os anos 60 foi um marco na diversificação do que seria esse patrimônio e ampliou o termo para contemplar outros bens patrimoniais. Em muito se deve a Convenção do Patrimônio Mundial, à qual o Brasil aderiu em setembro de 1977.

A Comissão dos Monumentos Históricos de 1837 contem a catalogação de monumentos da arquitetura clássica como modelos dignos de preservação. Choay destaca como monumentos “da Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos” e, mesmo com a inclusão de evidências remanescentes das pós guerras, a herança dos estilos arquitetônicos que serviam de referência mundial era a clássica. As edificações que não seguiam esse modelo eram vistas como construções privadas não monumentais, uma arquitetura vernacular sem auxílio de arquiteto, portanto, uma arquitetura menor, cuja análise subjulgava a importância deste novos exemplares que não seguiam um padrão referencial.

3.1 Histórico e seus equipamentos urbanos

Esta subseção foi elaborada com a finalidade de destacar os espaços de memória localizados ao longo da Avenida Senador Vitorino Freire, uma abordagem teórica com as alterações urbanas nos últimos anos, após as obras de reestruturação urbana no Anel Viário, mais conhecida como Fonte do Bispo.

A urbanização tradicional de São Luís passou por quatro fases, a primeira de 1615-1750 marcada pela ocupação portuguesa e o legado inicial do traçado regularmente lineares em tabuleiro do engenheiro Francisco Frias de Mesquita, a segunda entre 1750-1820 com a criação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e a vocação comercial que provocou um aumento da população e ampliação do traçado de Frias de Mesquita e possibilitando a edificação de sobrados alguns acrescidos de mirantes com revestimentos cerâmicos importados e melhorias na infraestrutura urbana da cidade.

A Avenida Senador Vitorino Freire foi construída no início da década de 1970 no contexto das obras do Anel Viário, durante o Governo do então prefeito Haroldo Tavares, que compreendeu também a Avenida Presidente Médici, atual Avenida dos Africanos. Apesar de estar inserida em área de proteção histórica no âmbito estadual, se comparado com o histórico do entorno, é uma avenida muito nova no contexto urbano da cidade.

3.2. Sentimento de pertencimento: Avenida Senador Vitorino Freire como espaço cultural

A Avenida Vitorino Freire foi escolhida para ser analisada neste trabalho devido a sua ligação com diversos equipamentos urbanos significativos para a cidade de São Luís: Capela de São Pedro, Passarela do Samba, CEPRAMA, Parque São João Paulo II e o popular Anel Viário que passou por uma reforma urbana significativa, desde 2018, em Terminal e Parque Urbano, que está em seu processo de finalização no ano de 2023, sem contar com a sua ligação com o bairro da Madre Deus.

O bairro da Madre Deus, originalmente formado por famílias de baixa renda que trabalhavam para os grandes senhores industriais e famílias de comerciantes, é um espaço simbólico de patrimônio cultural devido ao seu arsenal de manifestações artísticas e culturais presentes no folclore, carnaval e demais manifestações religiosas maranhenses, que há muitos anos se destaca como referência de núcleo cultural para toda a ilha.

Dentre as manifestações carnavalescas, têm destaque fofões, tribos de índios, casinha da roça, tambor de crioula, bandas e blocos tradicionais, como a Máquina de Descascar Alho, o Bicho Terra e os Fuzileiros da Fuzarca, blocos afro-maranhenses, escolas de samba, como a Turma do Quinto e a Flor do Samba. No mês de junho, o bairro é local de encontro de brincantes de bumba-meu-boi,

na capela de São Pedro. Além do patrimônio imaterial, o bairro abrange bens de importância histórica e cultural, tais como a Casa das Minas e a Casa de Nagô, espaços de religiosidade da cultura afro-maranhense; a sede do Boi Barrica, um dos principais grupos parafolclóricos do estado; e o Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão (CEPRAMA). (Carvalho, Cutrim e Costa, 2017, p. 638)

No bairro da Madre Deus é grande o número de pessoas envolvidas nas manifestações culturais que agregam residentes e simpatizantes de outros bairros, de toda a ilha e até estrangeiros, configurado uma rede de agentes que contribuem para o fortalecimento das manifestações tradicionais e o empreendimento de novas estratégias de resistência da comunidade, além da geração de renda para muitas famílias e promovendo trocas sociais e lazer.

A alteração do eixo viário da cidade de São Luís foi significativo, para Maricato (2000), os investimentos nesse segmento é um fator que amplia os espaços para a especulação imobiliária de alta renda, uma vez que a lógica de priorização dos veículos foi fortemente implementado ao urbanismo dos anos 1990.

Se produz cidade para os carros e em seguida as pessoa seguem a linha tracejada pelos investimentos de imobiliários (empreiteiras) altamente especulativo. (Maricato, 2000, p. 158) Em São Luís essa mudança de eixo possibilitou a exploração das áreas litorâneas e mais afastadas do marco central de fundação histórico.

As recentes reformas no prolongamento da Avenida Vitorino Freire em seu um “Terminal e Parque Urbano”, como assim denominou o escritório de arquitetura paulista Natureza Urbana_ consórcio formado pelas empresas Natureza Urbana Planejamento Integrado Ltda. e HProj Planejamento e Projetos Ltda, responsáveis pela elaboração de projetos básicos, executivos e estudos socioambientais para requalificação da área do Terminal Rodoviário da Avenida Vitorino Freire e entorno.

Com uma área de 225.850 m², o terminal é fruto de uma iniciativa entre o poder público municipal e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Esta obra faz parte do “Programa de Revitalização do Centro Histórico de São Luís”, administrado pela Secretaria de Projetos Especiais – SEMPE, atualmente SEMISPE.

Em 13 de Fevereiro de 2017 o jornal O Imparcial noticiou a parceria entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Prefeitura para a autorização de um pacote de obras que possam injetar ânimo no desenvolvimento econômico do Centro Histórico de São Luís através de novas cadeias

produtivas, denominado de Pró-Cidade São Luís. Entre os projetos previamente listamos estava a Fonte do Bispo.

As obras de requalificação previstas estão a recuperação do Orfanato Santa Luzia, na Rua Grande; a requalificação das praças da Misericórdia e da Saudade; a revitalização do Complexo Santo Ângelo, que compreende a Galeria Trapiche e o conjunto de edificações que se estende até a Secretaria Municipal de Administração (Semad), no Anel Viário; a restauração dos dois prédios da Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação, na Rua Portugal; o Palácio de La Ravardiére e entorno; a requalificação do Parque do Bom Menino e da Fonte do Bispo, entre outros serviços. (O Imparcial, 2017)

Segundo o Memorial Descritivo fornecido pela SEMISPE, o projeto “pretende interligar importantes pontos turísticos da cidade como o Convento das Mercês, a Praça das Mercês, entre outros, visa requalificar o espaço urbano, melhorar a integração entre o Terminal de Integração de Ônibus da Praia Grande com o Terminal Rodoviário” (Figura 03), proporcionando melhores condições para a apropriação desses espaços não só pelos moradores do entorno como também pelos visitantes e turistas.

Figura 3- MasterPlan da área contemplado pelo Pró-Cidade



Fonte: Site do Escritório Natureza Urbana, 2019.

Com objetivo de organizar e estruturar a área do Terminal Rodoviário e do entorno; melhorar as condições na infraestrutura da área, contribuindo para sua preservação, assim como a segurança dos usuários e a qualidade de vida da população. Dar condição de acessibilidade ao uso público da área, respeitando suas características e garantindo melhor fluidez no trânsito; oferecer melhores condições de

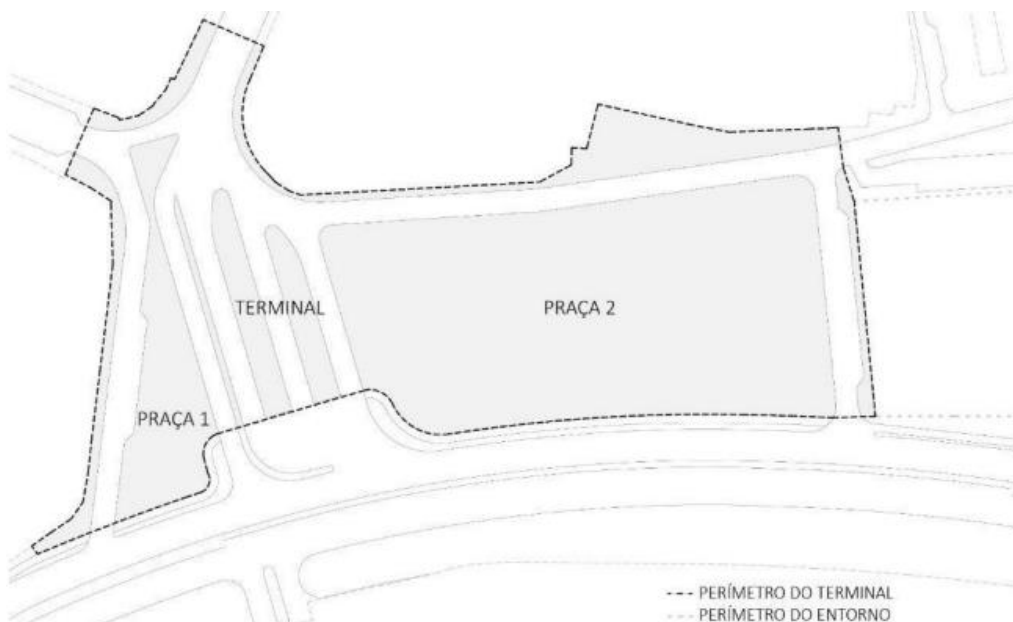
uso para as atividades voltadas à população com foco na revitalização do Centro Histórico da cidade de São Luís.

Analisando o projeto do Terminal Rodoviário da Avenida Vitorino Freire, é possível identificar que se trata de um projeto multifacetado que tenta atender um maior número de demandas possível, levando em consideração os espaços de acessibilidade, contemplação e lazer. Entretanto não leva em consideração aspectos bioclimáticos, a exemplo da pouca área de arborização se comparada à área de calçamento impermeabilizada pelo concreto.

Levar em consideração o clima da cidade é fundamental para a escolha de materiais que resistirão às intempéries e que possam dar um conforto térmico adequado para o uso em diferentes horários do dia. Com média de temperatura de 26.8°C, São Luís possui clima tropical, quente e úmido. Sua precipitação média anual é de 2156 mm. Segundo o site ClimaTempo, o mês de setembro é o mais seco; o mês de março com maior precipitação; o mês de novembro é considerado o mais quente

Desta forma é importante observar as propostas projetuais desta intervenção urbana, (Figura 04), com as áreas de intervenção, verificar as intenções, os materiais especificados em memorial descritivo e os realmente aplicados durante a obra, uma vez que assim como o paisagismo, durante a execução de uma obra, há por vezes, alteração dos materiais utilizados na fase final da obra.

Figura 4-Área da intervenção – Projeto Básico do Terminal



Fonte: SEMPE, 2018.

Praça 1: elaborada a partir da distribuição dos fluxos veiculares da região - acesso à R. das Cajazeiras e saída da Av. Guaxenduba - observou-se na geometria viária a oportunidade de se criar uma praça voltada ao uso público, além do fortalecimento dos monumentos existentes – as esculturas do trabalhador e do bispo. Dessa maneira, mais do que um grande canteiro viário, o espaço receberá um dos quiosques comerciais e canteiros com paisagismo, tornando-se atrativo ao uso da população. O espaço possui 2.421,62m² (contando com a ciclovia)

Terminal: área delimitada por um canteiro de separação viário e duas plataformas (a terceira encontra-se na praça 2. Estas plataformas contarão com dois quiosques comerciais cada, além de coberturas e canteiros para proteção dos usuários. Cada plataforma contará com três baias de ônibus (Figura 05). Este setor possui 2.257,40 m².

Figura 5- Fotomontagem do Terminal Rodoviário da Fonte do Bispo



Fonte: SEMPE, 2018.

Praça 2: através da retirada da rotatória ao lado do terminal, foi possível a ampliação do espaço público e a criação de uma grande praça, ver Figura 06, que envolverá diversos equipamentos esportivos, de lazer, culturais e de contemplação como áreas com bancos e jardins, parque infantil, espaço para prática de skate, espaços para atividades esportivas, entre outros, além da terceira plataforma do terminal. O espaço possui 14.551,54 m².

As calçadas e o viário do entorno também estão contemplados no projeto e foram remodeladas, considerando a adequação do espaço dando prioridade ao pedestre e envolvendo questões de acessibilidade.

Figura 6- Praça 2



Fonte: Site Natureza Urbana,2019.

Optou-se por deixar a ciclovia, que passará por toda a Avenida Vitorino Freire, fora do perímetro do Terminal com o intuito de minimizar as interdependências entre os projetos do terminal e do entorno que poderão ser licitados em lotes diferentes pela Prefeitura.

O conceito do projeto como um todo teve como base os seguintes critérios:

1. Soluções, técnicas e materiais resistentes, responsáveis e viáveis ambiental e financeiramente, que garantam o mínimo impacto ambiental, relacionando-se às características culturais e históricas do Centro Histórico de São Luís;
2. Promover projeto integrado às premissas de valorização cultural e paisagística, educação ambiental, criação de espaços de convívio e lazer tanto para os moradores locais, comerciantes, usuários do terminal, quanto para os visitantes;
3. Organização espacial e paisagística das praças, canteiros e calçadas, criando espaços de convivência, lazer e recreação, valorizando o conjunto arquitetônico do entorno e o espaço livre público;
4. Volumetria e disposição dos canteiros e edificações de acordo com as atividades a serem desenvolvidas, buscando uma boa distribuição dos usos – comércio mais próximo do terminal, que vai se diluindo entre espaços culturais até os esportivos. A criação de ilhas, cada uma com um uso específico, proporciona uma leitura clara do contexto geral da praça e dos usos propostos;

5. Elaboração de um conceito e imagem arquitetônica contemporânea e de referência internacional, ao mesmo tempo em que bebe das raízes locais, valorizando a paisagem do município;
6. Versatilidade da proposta permitindo que soluções adotadas neste projeto sejam replicadas em outros locais de São Luís, como os quiosques e os canteiros tipos, que poderão configurar um sistema de espaços livres públicos qualificados para moradores e turistas da cidade.

Os usos definidos para as praças e terminal tiveram como intenção atender as expectativas da Prefeitura, as necessidades do espaço como equipamento urbano de transporte público, além de observar as demandas sociais que incidem sobre a área, principalmente o que tange os comerciantes que ocupam o espaço a anos.

Neste sentido, destaca-se que todos os comerciantes cadastrados no Diagnóstico Social realizado na Fase 01, foram contemplados pelo projeto, sendo 12 pontos comerciais fixos no perímetro do terminal; 44 pontos comerciais fixos no perímetro do entorno da Avenida Sen. Vitorino Freire; e os demais 75 comerciantes receberão triciclos.

- **Quiosques (pontos comerciais fixos)**

O projeto previa a implantação de novas estruturas comerciais no perímetro do projeto do terminal, tanto na praça 1 como junto às plataformas do terminal, somando 12 pontos comerciais. Em cada quiosque funcionará de 2 a 4 áreas comerciais ou de serviços.

O projeto dos quiosques foi concebido a partir dos seguintes critérios: construção modular de padrão de equipamentos públicos, de fácil construção e instalação e possíveis de serem replicadas em diversos espaços públicos da cidade. Atento a uma linguagem que crie harmonia com a arquitetura local, além dos princípios de conforto térmico. Quatro princípios serão levados em consideração para o projeto dos quiosques: conforto, armazenamento, produção e segurança (tipos de fechamento).

As edificações serão com estrutura em concreto, fechamento externo em ripas de madeira e cobertura verde. Foram desenvolvidas três tipologias para os quiosques: Conjunto de quiosques tipo 1 (CQ-01): contempla 2 áreas comerciais com 8,2 m² cada. Serão implantados 4 deste tipo no perímetro do terminal.

- **Triciclos/carrinhos**

Conforme comentado anteriormente, serão fabricados triciclos/carrinhos para serem distribuídos aos comerciantes que não forem contemplados com pontos comerciais fixos. A metodologia para definição do tipo de compensação que cada comerciante receberá foi apresentada no Produto 15 – Projeto de Trabalho

Técnico Social. Sendo assim, os comerciantes terão um triciclo ou carrinho padronizado e adaptado com a infraestrutura necessária à atividade exercida por cada um. O projeto delimitou as áreas onde os triciclos/carrinhos poderão estacionar durante o dia para desenvolvimento das atividades comerciais/serviços, de modo a melhor organizar as atividades comerciais no espaço e não prejudicar o espaço público.

- **Ilhas**

O conceito arquitetônico das praças do projeto contempla a formação de diversas “ilhas”, cada uma com um uso específico, e serão delimitadas por bancos, formas geométricas e marcação de piso. De modo geral, os canteiros verdes serão elevados, dispostos em distintos planos inclinados. Estes têm o papel de definir os espaços de circulação, de área verde/ajardinada e agregam outras funções complementares, inibindo a ocupação irregular futura das praças e passeios. Com alturas e inclinações variadas, criam um espaço dinâmico e multifuncional.

Os usos propostos são alimentação com espaço para estacionamento dos triciclos/carrinhos, parque infantil, fonte interativa que remete à fonte do Bispo, parede de escalada, mesas de ping pong, cestas de basquete, academia da saúde, jardim cultural (yoga, roda de samba, aula de funcional, apresentações de teatro), espaço para educação ambiental (horta) e skate park. Nas laterais das ilhas e da praça foram desenhados canteiros verdes, estrategicamente posicionados para proteger o espaço do fluxo intenso de carro da Avenida Vitorino Freire. Cada ilha apresenta uma volumetria diferenciada, de acordo com seu uso.

Os canteiros verdes serão, em sua maioria, constituídos por terra compactada, grama e elementos paisagísticos, abrigando diversas plantas e árvores. Nas ilhas destinadas a função de skate, esportes radicais e parque infantil, que também demandam planos inclinado, além de também se estruturar com terra compactada, sua superfície ganhará uma camada de concreto.

Para a construção dos bancos, arquibancadas, muros e demais estruturas que constam do desenho das ilhas e canteiros para dar suporte aos usuários e visitantes do local, foi proposto um sistema de estrutura de concreto armado, moldado in loco e com acabamento específico. Alguns deles terão encosto também de concreto.

Num primeiro momento, percebeu-se o aspecto cultural dos espaços públicos, a sua herança quanto a diversidade das atividades que são realizadas em praças. Dialoga sobre como a gestão pública se faz presente na manutenção e reforma de tais locais. Logo em seguida, entende-se as praças como parte da identidade do cenário urbano mediante a utilização coletiva do espaço em detrimento dos benefícios oportunizados pela área verde. Bem-estar, qualidade de vida, prática de atividades esportivas, transformação cultural e interação social foram exemplos aqui citados como validação da existência de tais espaços.

Por fim, foram apontados alguns aspectos sobre a necessidade de estruturar um alinhamento entre o projeto arquitetônico idealizado e as tomadas de decisão dos gestores na execução de tais ideias, no sentido de atentar para as altas temperaturas característica de São Luís do Maranhão e a necessidades latente de sombreamento para a que mais pessoas possam usufruir de todo o potencial ao qual esses espaços são capazes de proporcionar, além de promover a conservação do patrimônio e memória local ao fazer-se uso de espécies nativas ou mesmo características destas áreas.

- **Sistema Viário**

A partir de um sistema viário concebido tanto para a implantação da infraestrutura do terminal, quanto para a circulação de veículos e caminamento de pedestres, foram atribuídos a estas vias valores em grau de importância para o uso coletivo e hierarquias.

Tais soluções possibilitam a compatibilização entre a necessidade de obtenção de caminhamentos para o escoamento pluvial, sistemas de esgotamento, distribuição de água e a implantação de uma nova rede de drenagem local, além do acesso de pedestres, em locais com dimensões laterais reduzidas pelo adensamento de moradias. A padronização do sistema viário proporcionará melhores condições para o deslocamento de pedestres em função das dimensões constantes de vias, rampas, degraus e patamares, além do aspecto da “humanização” obtido através da harmonização das vias adjacentes com as Praças, incluindo a implantação de paisagismo apropriado e pequenos canteiros, garantindo uma melhor qualidade ambiental

do conjunto resultante.

Os passeios para pedestres têm por função promover a fluidez dos transeuntes e acessibilidade adequada às moradias além de possibilitar eventuais caminhamentos de sistemas de infraestrutura. As vias de pedestres foram padronizadas com dimensões laterais (larguras) em conformidade com as Normas de Acessibilidade. As vias serão abauladas providas de linha de cumeada central e caimentos laterais.

4.METODOLOGIA

Na tentativa de traçar uma conectividade entre as ideias de lugar, não-lugar e memória, nasce a importância de compreender a relação do patrimônio na contemporaneidade, na dita era digital, têm-se o objetivo geral de compreender como este se insere no cotidiano das pessoas. Para tal, o uso da netnografia será ferramenta, contribuindo com as discussões sobre intervenções em espaços públicos tombados, dado os inúmeros projetos de requalificação urbana na cidade de São Luís.

Trata-se de um trabalho teórico de caráter exploratório por meio de observação direta fazendo uso da pesquisa qualitativa, pois não se atém exclusivamente a dados numéricos. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo, com foco no levantamento e coleta de dados. Embasados na etnografia Urbana, de “perto e de dentro” Magnani (2002, p. 14), podemos lançar luz sobre as relações deste espaço e a sua relação com o restante da cidade, a partir da abordagem netnográfica. Para cumprir os objetivos desta pesquisa, estabeleceram-se os procedimentos metodológicos, estruturados em três etapas:

- 1- Recortes sobre o aporte teórico-conceitual relativo às categorias espaço e de lugar e seus desdobramentos, discussão sobre apropriação do espaço público e um panorama do urbanismo progressista na atuação dos gestores em inteverções em área de patrimônio histórico e sua utilização no fenômeno marketing urbano;
- 2- Discussão sobre o Patrimônio Histórico e a promoção do sentimento de pertencimento da Avenida Vitorino Freire como espaço cultural
- 3- “Netnografia”, um levantamento sobre as experiências dos usuários e seus relatos em meio às redes sociais, destaque para o Instagram como ferramenta de coleta de dados, uma leitura social no século XXI. Objetivando colher os relatos qualitativos dos usuários e o mapeamento temático destes pontos históricos analisados no nel Viário, localizado na Avenida Vitorino Freire em São Luís do Maranhão.

Destaque para a última etapa que, com o uso da netnografia como ferramenta para medir a

receptividade da população por meio das redes sociais e a análise pós ocupacional elaborada a partir de levantamento de campo registradas por meio de relatório de visita, entrevistas com os usuários e fotos será possível a elaboração de matrizes temáticas, um mapeamento das situações que serão encontradas.

Todas estas informações darão suportes para as recomendações finais ao qual permitirá a compreensão da ideia de patrimônio na contemporaneidade e se essas relações tendem a se manter após o ineditismo, ou seja, se ajudam a criar vínculos, sentimento de pertencimento e reforçam a ideia de lugar para a população maranhense.

Desta forma o objetivo geral da pesquisa é compreender como se insere a ideia de patrimônio cultural, visto como algo do passado, no contexto da contemporaneidade, da era digital. Especificamente visa identificar as experiências instagramáveis de usuários de espaços públicos tombados de São Luís do Maranhão e traçar uma leitura embasada nas ideias de espaço, lugar e não-lugar e o sentimento de pertencimento ao qual tanto se busca alcançar após obras de intervenção urbana, em destaque para as realizadas em centros históricos que carecem de vitalidade sem perda dos valores ao qual historicamente carregam.

As redes sociais é ferramenta que ajuda na promoção do uso dos espaços públicos. Entretanto, a divulgação de imagens dos espaços públicos nas redes sociais, descritos como perfeitos ou mesmo instagramáveis, nem sempre condiz com um uso contínuo, vínculo, apropriação ou sentimento de pertencimento dos espaços por parte da população maranhense. A população se sente convidada a visitar os espaços públicos no centro histórico após a divulgação de imagens da inauguração das obras nas redes sociais, mas, após o ineditismo nem sempre estes espaços se mantêm com vitalidade.

5. ERA DIGITAL: NETNOGRAFIA NA AVENIDA SENADOR VITORINO FREIRE

O uso da netnografia nos tempos de hoje ajuda a compreender como os usuários da internet expressam seus pensamentos em rede, as famosas redes sociais são aglutinadores desse processo através de sites ou mesmo aplicativos. A forma de interação das pessoas dá uma ideia de comunidade onde elas se sentem confortáveis para compartilhar suas opiniões sobre uma diversidade significativa de temas. Entre eles sobre os espaços em que elas vivem, sejam eles: de passagem, suas casas, vizinhança, espaços públicos, locais religiosos, de eventos, memória, passeio, de trabalho, administrativos, uma infinidade.

A netnografia foi desenvolvida na área da pesquisa de *marketing* e consumo, um campo interdisciplinar aplicado que está aberto ao rápido desenvolvimento e à adoção de novas técnicas.

A pesquisa de marketing e consumo incorpora visões de diversos campos, tais como antropologia, sociologia e estudos culturais, aplicando seletivamente suas teorias e métodos básicos, analogamente como pesquisadores farmacêuticos podem aplicar química básica. (Kozinets, 2014, p. 10)

A etnografia é um método utilizado na antropologia como suporte na coleta de dados no estudo descritivo de etnias e ou culturas, entretanto o seu uso pode ser usado na leitura dos fenômenos urbanos. Não é um método fechado em si, parte de um olhar atento e sensível aos detalhes para se alcançar a leitura de novos arranjos paradigmáticos.

Esta reorganização de informações, por vezes pulverizadas, não mais correlata aos arranjos previamente estabelecidos, mas abastecida de um segundo olhar ressignificando as bases de formação original apontando para algo novo e mais profundo, como aponta Magnani (2002), a etnografia é um método necessário para o resgate do “olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre os aspectos” presentes nas práticas cotidianas dos espaços públicos livres das cidades.

Assim como uma pesquisa etnográfica visa uma leitura de uma população, a netnográfica se comporta da mesma forma, traça uma compreensão das dinâmicas socioculturais, esse neologismo foi criado no século XIX (Kozinets, 2014, p. 12). Existem muitas pesquisas apontando como é impossível disassociar a vida real com o digital, a forma como o meio cultural está imbricado com o digital é a condicionante para que esta pesquisa aconteça.

Uma vez que ajudará a entender como se dá relação das pessoas com os espaços públicos de valor sociocultural significativo para a cidade de São Luís, como é a Avenida Vitorino Freire. Pela delimitação da pela Lei municipal n. 3.252/92 a avenida em questão pertence a Zona de Proteção Histórica (ZPH).

5.1. Relação da sociedade na era digital: instagramável

Nos últimos anos a cidade de São Luís do Maranhão passou por inúmeras reformas de requalificação urbana, muitas delas em áreas de preservação ou com reconhecido valor histórico. Como consequente, após a inauguração dessas obras a população, por vezes carentes de espaços dotados de infraestrutura, sente curiosidade e busca locais iguais a esses como alternativa de lazer e de trocas sociais. Essa dinâmica é cada vez mais viva e dinâmica para além dos limites desses espaços, essa dinâmica de intervenção recente do urbanismo para a requalificação tende ao problema de gentrificação. As redes sociais criam um paralelo entre a vida real e o digital, ultrapassando as barreiras para inúmeros possíveis usuários.

As redes sociais, como ferramentas tão presentes no ambiente social integram o dia-dia das pessoas. Com elas é possível ter um panorama da opinião dos usuários em publicações. Questiona-se a relação dos meios digitais com as trocas reais e o sentimento de pertencimento que os espaços públicos são capazes de criar e se, após o ineditismo a vitalidade ainda se mantém.

Além disso, contribuem para que estes espaços alcancem maior notoriedade, seja em visitas ou em pesquisas da sua história e relevância para toda uma população e por consequência se mantenha uma relação saudável entre o digital e a ideia de patrimônio histórico edificado. Através das curtidas, o que ganha o dono da conta na rede social ao expressar a sua opinião e, o mais importante, o que a cidade ganha? Qual seria a relação desse ato com a contemplação do espaço, da cidade, e de que forma essa relação cria vínculos e quais tipos de memórias são criadas, considerando os conceitos de patrimônio material e imaterial?

Um espaço público não precisa ser visto com perda de seu valor patrimonial por ser instagramável, haja vista que a sua função é baseada na contemplação, qualidade de vida, trocas sociais etc. Tão pouco, tomando como base as características mais citadas de locais instagramáveis, chamativos por suas cores e com boa iluminação para fotos, necessita se enquadrar para que seu valor seja validado. Dessa forma não podem ser vistos exclusivamente como cenários, com um único enquadramento.

Pretende-se investigar a maneira com que as pessoas se relacionam com os espaços público dotados de valor patrimonial em São Luís do Maranhão e de que forma a rede social mais usada no mundo, o Instagram, interfere nessa relação.

O documentário “Instagram is”, destaca o significado dessa rede social para vários jovens espalhados pelo mundo, alguns afirmam que para elas é uma plataforma que permite a liberdade, criatividade, comunidade e interação; podemos perceber que através dessas características o quão próxima ela está e por vezes se confunde com a forma com que nos relacionamos em uma sociedade, afinal, uma se alimenta da outra. Entretanto, essa mesma ferramenta se torna cada vez mais forte por conta das estratégias de marketing que visam influenciar um número ascendente de pessoas.

Muitos administradores públicos adotam a estratégia do turismo exploratório em cidades ditas: “potencial turístico cultural” com a justificativa de aumentar a circulação de pessoas, capital e fomento ao desenvolvimento. Essa estratégia adota pontos do marketing fazendo uso de propaganda para questões culturais ditas exclusivas nas demais cidades com pessoas que possam se sentir atraídas pelo ineditismo.

Marc Augé destaca o monólogo existente em placas que anunciam referenciais para um viajante, que segue uma rota de não-lugares até que de forma individual, passa a fazer parte de um “contrato”, onde quem segue as recomendações terá permissão de seguir para a próxima rota demarcada. Este contrato, exige uma identificação como prova de sua “inocência”, com a ideia de idoneidade, pressuposto indispensável num ambiente de não-lugar.

O autor alega que o passageiro continuará comprovando sua idoneidade em um próximo ponto de parada, seja em um pedágio ou conveniência, este espaço é considerado um não-lugar pois “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão...”. (Augé, 1994, p.9 5). A identificação dos não-lugares se perpassa pela contabilização do tempo. As placas de entrada e saída e contadores são signos indispensáveis em seu funcionamento.

Reforçando a ideia: o que é bom precisa ser mostrado e divulgado. Fica o questionamento do entendimento dos significados para demais pessoas que não têm relação com essa cultura, uma vez que elas só conseguem criar uma ideia, uma imagem criativa em suas mentes antes de ter suas próprias experiências, ao qual para elas seriam não-lugares a serem desbravados. Para tal ideia, Augé descreve que:

Certos lugares só existem pelas palavras que os evocam, não-lugares nesse sentido ou, antes, lugares imaginários, utopias banais, clichês. Eles são o contrário do não-lugar segundo Michael de Certeau, ao contrário do lugar-dito (sobre o qual quase nunca se sabe quem o disse a funcionalidade cotidiana e o mito perdido: ela cria imagem, produz o mito e, ao mesmo tempo, o faz funcionar. (Augé, 1994, p. 88)

Dessa mesma forma faz-se um link com as pessoas que vivenciam espaços ditos incríveis e a forma como uma pessoa do outro lado da tela de um celular os verá. Uma imagem vale mais que mil palavras? É capaz de sintetizar todas as correlações presentes naquele meio? Ou, apenas servirá como cartaz, marketing, convite para uma visita e criação de uma relação mais significativa?

De que forma um espaço público é considerado instagramável ao ponto de “merecer um post” para ele em páginas individuais. Para tal, Bauman (2001) servirá de alerta ao questionar se a quantidade em números de publicações é proporcional aos usos da vida cotidiana, e se há aprofundamento dessas relações ou se estas perdem força com o tempo, modernidade líquida. No tempo de hoje, o lugar é atrativo pelas imagens que são veiculadas ou as imagens são uma consequência do valor que este espaço reverbera?

Entender quais as correlações com essas intervenções; a dinâmica da cidade e das relações das pessoas com os espaços públicos de valor histórico reconhecido que passaram por obras de requalificação

nos últimos anos; se há sentimento de pertencimento por todos os agentes dessa relação; se intervenções como as feitas em São Luís reforçam o processo de gentrificação comuns em obras correlatas espalhadas pelo Brasil. Traçar uma pesquisa desses espaços é de fundamental importância para que se consiga ter dados suficientes para ampliar a discussão e por conseguinte de alcançar um parecer palpável.

Segundo Robert Kozinets (2014, p. 28-29), os primeiros estudo sobre interações online “foram baseados na teoria psicológica social e em testes experimentais” apontava “uma base pobre para a atividade cultural e social” uma vez que “o meio online reduzia a capacidade de transmitir informações não verbais relacionadas à presença social, tais como inflexão da voz, sotaques, expressões faciais, direções do olhar, encontro dos olhos, postura, linguagem e movimento corporal e tato”, características estas que davam um caráter frio e impessoal e por vezes potencializador do processo de achatamento, ou seja, um certo nivelamento dos status sociais além de minar boas relações sociais devido a algumas interações hostis.

Mais estudos sobre comunicações mediadas por computador (CMC) revelou que os entraves sobre a transmissão de informações não verbais fora equacionado devido a adesão de “novos símbolos, ou ‘paralinguagem’ eletrônica, tais como os conhecidos ‘emoticons’” enriquecendo as trocas no meio virtual e alterando o ponto de vista dos pesquisadores sobre comportamentos em comunidades eletrônicas, agora era possível simular uma conversa “face a face”.

A exemplo de canais que gerem “expectativa de futura interação” onde os usuários terão mais espaços para manifestar suas identidades e desta forma se comportam de maneira mais amigável e cooperativa, onde, através de grupos ou comunidades foi-se gerando uma relação de compartilhamento e confiança por meio ascendente das trocas e interações, mesmo com a diversidade dos membros dos grupos permitia a identificação por semelhanças e afinidades.

Sobre a “equalização de status” proposta por (Kozinets, 2014, p. 30) é possível diferenciar os usuários mais antigos dos novos e suas posições hierárquicas através de uma linguagem própria e de domínio devido aos indicadores sociais de interações a longo prazo, que criam relações mais sólidas gerando mais intimidade e atração de novos membros interessados em fazer parte desta comunidade.

Walther (1997) e Kozinets (2014, p. 30) afirma que os primeiros estudos de comunicações mediadas por computador (CMC) resultavam em dados diversos entre as informações colhidas em campo com as extraídas no meio online, estudos desta natureza são complexos devido a rapidez e complexidade social de abordagem.

A metodologia utilizada no levantamento de dados aponta que a população relativa que representa um quantitativo demográfico, as frequências de comportamento dos membros destas comunidades online, além da abordagem psicológica sociais e experimentais conjecturam e testam relações causais sugeridas levando em consideração as variáveis em nível individual e coletivo, tais como: atitudes, memória e crenças.

Elas enriquecem nossa compreensão sobre os processos em ação quando os participantes envolvem-se em comunidades online. A netnografia, a etnografia de grupos eletrônicos, estuda as práticas culturais complexas em ação, atraindo nossa atenção para uma multiplicidade de ideias fundamentadas e abstratas, significados, práticas sociais, relacionamentos e sistemas simbólicos. (Kozinets, 2014, p. 30-31)

Importa esclarecer que quanto maior o número das amostras, significa que “relata que as pessoas acreditam que a internet lhes permite manter melhor contato com seus amigos e familiares, e inclusive ampliar suas redes sociais” (Tosi, 2002, p. 399). Em outro estudo relacionado, Howard e colaboradores concluem que seus resultados “sugerem que as ferramentas online têm maior probabilidade de ampliar o contato social do que diminuí-lo”.

Em um estudo longitudinal relativo ao tema, Kraut e colaboradores (2002) sugerem que “as pessoas que usam mais a internet também fazem mais contato face a face e telefônico com seus amigos e familiares, e também que o maior uso da internet está relacionado a maior relacionamento cívico” (Kozinets, 2014, p. 31)

Kozinets (2014, p. 33) faz um desenho da progressão do desenvolvimento da participação em comunidades online. Onde tudo parte da curiosidade inicial sobre uma determinada atividade, objeto ou grupo que leva a um tempo e número crescente de comunicações, a partir de um intercâmbio de informações e normas culturais que ajudam a promover um esclarecimento do poder ou status, além, da adesão dessa bagagem relacional que fora sendo construída.

Algumas pessoas utilizam o meio relacional da internet como forma de se conectar com pessoas de mesmos interesses ou estigmas como o caso de quem busca informações sobre uma viagem fora do seu país de origem, características culturais de determinadas regiões, os mesmos de problemas de saúde como aids, alcoolismo, problemas locomotores, de pele, diabetes entre outros que os marginalizam se comparado ao meio real.

Entretando, “Kavanaugh e Patterson (2001, p. 507) sugerirm que ‘quanto mais tempo as pessoas estão na internet, mais elas tendem a usá-las para envolverem-se em atividades de construção social’. Em seu apanhado geral dessa pesquisa, McKenna e Seidman (2005, p.212) propuseram que as pessoas não só estão substituindo o envolvimento em atividades físicas e relacionamentos pela participação nessas comunidades, como ‘na verdade, o uso da internet parece estar reforçando o envolvimento comunitário na vida real’” (Kozinets, 2014, p. 34)

É importante destacar o tipo de comunidade online essas pessoas fazem parte Kozinets (2014, p. 37) destaca dois parâmetros importantes: “a importância da identificação e da perícia na atividade essencial da comunidade, e as relações com outros membros”.

Segundo uma matéria da Forbes Brasil em março de 2023, com fonte elaborada pela agência Comscore, aponta que “ o YouTube, Facebook e Instagram são as redes mais acessadas pelos usuários brasileiros, com alcance de 96,4%, 85,1% e 81,4%, respectivamente; TikTok, Kwai e Twitter aparecem na sequência.” Somado a isso ela destaca que o “ Instagram e YouTube são redes onde os usuários dedicam mais minutos.” Devido a esses fatores que a plataforma Instagram será usada nesta pesquisa.

5.2.Coleta de dados: Instagram como ferramenta netnográfica

Na antropologia dá-se o nome de “Netnografia” para uma vertente do método etnográfico, que tem o foco na observação, ou seja, trata-se de uma leitura e análise da opinião pública através de imagens expostas por usuários em ambiente virtual.

Para complementar as informações qualitativas arroladas nesta pesquisa, far-se-á o uso do olhar de fora para dentro, seguindo as ideias contidas em Magnani (2002), iniciou-se a coleta de registros que motivou esta pesquisa, as imagens expostas nas redes sociais de visitantes após a reinauguração, em 31/12/2020.

Escolheu-se o Instagram para a coleta de dados, rede social em alta, “é a rede social que mais cresce em todo mundo. São 1 bilhão de usuários ativos, segundo o próprio Instagram. E o Brasil tem grande participação nesse número. É o segundo país com mais usuários, ficando atrás apenas dos EUA.” Como atesta a revista Exame em uma reportagem de agosto de 2018, com a manchete “Instagram, 15 vezes mais interações que outras redes sociais”, cuja fonte é de responsabilidade da empresa divulgadora de notícia “DINO”.

Após filtrar a imagem a seguir por meio da localização “Capela se São Pedro” é possível encontrar depoimentos emocionantes dos visitantes que se sentem tocados em compartilhar sua percepção publicamente na rede social (Figura 07).

Sobre este sentimento de comunidade, pertencimento e protagonismo por parte de moradores e brincantes que ano após ano contribuem para que a magia desse espaço não se perca, é grande o número de pessoas envolvidas na elaboração e execução das atividades; as manifestações desenvolvem uma rede de agentes que envolve pessoas de todos os cantos da grande ilha e gera emprego e renda para muitas famílias e promove trocas sociais e lazer.

Figura 7- Pesquisa Netnográfica da Capela de São Pedro 2022.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022

5.3. Pesquisa de campo: aplicação de questionário

Na tarde do dia 21 de outubro de 2022, em visita pela Avenida Vitorino Freire (Foto 01), foi possível acompanhar o andamento das obras dos canteiros centrais da avenida. Nesta tarde foi o primeiro dia de levantamento fotográfico na área de estudo e é possível notar o fluxo intenso dos veículos e a existência de alguns poucos pedestres na área, muitos trabalhadores do entorno.

A segunda visita ocorreu em uma segunda-feira de Carnaval, às 10:20h da manhã do dia 20 de fevereiro, onde esse trecho da Avenida se transforma na Passarela do Samba da cidade através de uma super infraestrutura que anualmente custa cerca de 2 milhões para os cofres da prefeitura de São Luís. Foi

possível perceber o avanço das obras dos canteiros e a sua ocupação como ponto provisório de barracas de lanches que funcionam durante todo o evento.

Foto 1- Avenida Vitorino Freire em obras no dia 21 de outubro de 2022



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Foi possível perceber a falta de pessoas na praça, o Ecoponto estava em pleno funcionamento após o descarregamento de um caminhão levando material reciclável, a localização do Ecoponto fica aos fundos do limite até à área de mangue, de aterro, deste trecho da avenida. Os resíduos são despejados ali mesmo e é grande a presença de urubus e o mal cheiro revela a precariedade com que o espaço se encontra.

Separados por uma rua, nota-se a circulação de alguns trabalhadores do Portinho, pelo horário muitos quiques estavam fechados neste espaço provisório, devido as obras de reforma do mercado de pescados tradicional da cidade, agora esse mercado que funciona durante anos de modo informal terá uma infraestrutura digna. Devido a ocasião do Carnaval a área é ocupada por uma fileira de carros alegóricos das escolas de samba da cidade.

Na delimitação da passarela o ambiente é outro, o espaço é limpo, com a presença de agentes de limpeza pública, os acessos as arquibancadas é restrito por grades, os banheiros químicos são de fácil acesso e durante a visita pode-se notar a limpeza dos mesmos (Foto 02). Toda essa infraestrutura não prejudica em nada a fluidez do trânsito e naquele horário o sol se mostrava intenso mas com um sombreamento adequado para o número exíguo de passageiros na parada.

Foto 2- Avenida Vitorino Freire durante o carnaval de 2023



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

Nota-se que a população aprovou a implantação da Praça (Foto 03), entretanto é notório a necessidade de anteparos que tragam sombreamento, uma vez que o número de usuário se comparado ao tamanho da praça é muito pequeno diante do potencial ao qual esse espaço consegue atender.

Foto 3- Praça durante a visita do dia 20 de fevereiro de 2023



Fonte: Autoral, 2023.

Durante a pesquisa de campo foram aplicados 14 quatorze questionários em horários diferentes para entender a percepção da população com os ambientes de lazer correspondentes ao anel viário, em destaque para o Parque João Paulo II e entorno (Ver Tabela 01). Após o primeiro contato com os entrevistados perguntando dados pessoais foi possível perceber a diversidade do público que acessa o espaço e nenhum entrevistados residem em bairros de alto padrão da cidade.

O tipo de transporte mais usado pelos entrevistados para chegar até o parque foi de uso particular o transporte público corresponde apenas 21%. Como motivação da visita 79% dos entrevistados informaram que estavam visitando o local a lazer e afirmam fazê-lo com frequência, os entrevistados que não frequentam com uma certa constância estavam no parque devido a um evento da igreja católica.

De todos os entrevistados apenas um não teve uma percepção positiva com o local o Francisco de Assis Andrade Silva estava no local devido a celebração da missa do Terço dos Homens, um grupo de oração da igreja católica, como conselheiro do grupo ele organiza os eventos na capela localizada dentro do Parque João Paulo II e considera o local “agradável com aparelhos urbanos, mas precisa de uma cobertura para proteção do sol e chuva; palco para shows, tipo uma concha acústica.”

Na fala do Sr. Francisco é possível identificar que o espaço tem um potencial muito grande para diversos eventos mas, as condições de conforto prejudicam a permanência. Ao ser questionado como definiria sua relação com este espaço público ele afirma que só frequenta a capela, o governo deveria fazer melhorias sociais e de infraestrutura, por exemplo, como os tipos de bancos para usar, pois considera pouco utilizado, não tem lanchonete funcionando, nem mesmo muitos banheiros para o público. Vale ressaltar que na data em que foi aplicado o questionário os banheiros estavam em pleno funcionamento mas, em determinada hora do dia o parque fecha e consequentemente os banheiros também.

Todos os entrevistados afirmam recomendar esse espaço para alguém e a correlação com a presença desses usuários com a sua participação no meio digital é substancialmente tímida, uma vez que 42% afirmam não usar as redes sociais, todos os entrevistados usam WhatsApp mas, 33% afirmam não terem cadastro no Instagram, apenas Facebook mostram que o público entrevistado não é tão ativo nas redes sociais e principalmente na rede social mais usada até o momento de elaboração desta pesquisa, o Instagram.

Acerca da condição de uso da internet, 57% dos entrevistados afirmam já terem visto informações ou posts na internet sobre o local, dois desses entrevistados afirmam que foram por meio do jornal local durante o período de inauguração das obras de infraestrutura do espaço, ou seja, um pouco mais da metade foi influenciado de alguma forma a estarem na Avenida Vitorino Freire.

Através do questionário 71% afirmam já terem divulgado fotos em suas redes sociais mas, não de forma aberta a todos os públicos devido a configuração de conta privada característico da plataforma Instagram ou mesmo por meio de stories que possuem um curto período de compartilhamento de 24h. Consequentemente as visitas desses usuários representam pouca interação no meio digital uma vez que

após extensa procura por essas imagens não foi possível localizar todo esse material compartilhado. Porém as atividades desenvolvidas contribui para o cotidiano uma vez que as interações cidadinas acontecem e se afluam, a presença de pessoas gera um sentimento de segurança e de acolhimento que convida outros usuários a desfrutar do espaço.

Nas visitas de campo foi notório perceber a sensação de relaxamento e bem estar ao verificar outros públicos presentes no parque, se comparado com os dias de pouquíssima visita e até ausência de visitantes como nos horários da manhã após às 10 e 16h onde apenas pessoas que estão a trabalho permanecem, indicando um extenso período de desuso do espaço.

Questionados se consideram o espaço como pertencente ao patrimônio histórico de São Luís, todos afirmaram que sim mas por diferentes motivos; 57 por motivos religiosos pela vinda do Papa João Paulo II, 37% devido ao lazer pelo espaço da barragem do Bacanga e 50% por motivos históricos pelo acervo arquitetônico das antigas fábricas e pela história da cidade com a inserção do Anel Viário.

Tabela 1- Questionário aplicado

01- PERGUNTA	02- PERGUNTA		03- PERGUNTA	04- PERGUNTA	05- PERGUNTA	06- PERGUNTA		07-PERGUNTA	08-PERGUNTA	09-PERGUNTA	10-PERGUNTA	
TRANSPORTE USADO PARA ACESSAR O LOCAL	TIPO DE ATIVIDADE NA ÁREA	AS VISITAS SÃO FREQUENTES?	OPINIÃO SOBRE O LUGAR	RELAÇÃO COM O ESPAÇO	RECOMENDARIA	USA O INSTAGRAM?	OUTRAS REDE SOCIAL?	VIU INFORMAÇÕES OU PUBLICAÇÕES NA INTERNET SOBRE O LUGAR	POSTOU EM SUAS REDES SOCIAIS	SE SENTIU INFLUENCIADO A VISITAS ESPAÇOS PÚBLICOS COM POSTS NA INTERNET	CONSIDERA ESSE ESPAÇO COMO PATRIMONIAL	DE QUE TIPO?
Carro	Religiosa	Não	Positiva	Nenhuma	Sim	Não	Whats App Facebook	Sim	Não	Sim	Sim	Religioso
Moto	Lazer	Não	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook	Sim	Sim	Sim	Sim	Religioso
Carro	Lazer	Não	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App	Sim	Sim	Sim	Sim	Histórico
Carro	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Não	Whats App	Não	Não	Não	Não	Religioso
Ônibus	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Não	Whats App	Sim	Não	Não	Sim	Histórico
Carro	Lazer	Sim	Negativa	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook	Não	Sim	Sim	Sim	Histórico
Carro	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook	Sim	Sim	Sim	Sim	Lazer
Carro	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook	Sim	Sim	Sim	Sim	Histórico
Carro	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook You Tube	Sim	Sim	Sim	Não	Lazer
Carro	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook	Não	Sim	Não	Sim	Religioso
Carro	Lazer	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Não	Whats App Facebook	Sim	Sim	Sim	Sim	Religioso Lazer
Carro	Trabalho	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Sim	Whats App Facebook	Não	Sim	Sim	Não	Religioso Lazer
Ônibus	Trabalho	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Não	Whats App	Não	Não	Não	Não	Religioso
Ônibus	Trabalho	Sim	Positiva	Frequenta	Sim	Não	Whats App	Não	Não	Não	Não	Cultural Lazer

Fonte: autoral, 2024.

Entende-se que mais visitas deveriam ser feitas para se alcançar um valor amostral significativo, mas em um único dia é possível constatar que o clima quente e ensolarado característico da cidade de São Luís demandam de outras alternativas projetais, como exemplo espécies vegetais maiores e mais desenvolvidas desde a sua instalação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte que relaciona as ideias de espaço e memória destacados neste artigo aborda o valor de memória existente nos espaços como uma contribuição simbólica para a história. Esta só é válida devido as ações individuais de vínculos criados pelas ações hábito, que permite o florescimento do sentimento relacional com o lugar, ou seja, o sentimento de pertencimento, que terá contribuições do geógrafo Yi-Fu Tuan.

A necessidade de mensurar o espaço, entender os signos que compõe a Terra e delinear a relação homem-natureza foram analisados por Éric Dardel motivado pelas contribuições de filósofos como Nietzsche, Heidegger e Gaston Bachelard, este último fundamental para analisar a semiótica contida nos espaços tidos como felizes, uma tratativa poética que deu nome ao neologismo, topofilia.

A geografia humanística surgiu como campo interdisciplinar de discussão e possibilita criar espaços mais inclusivos e socialmente democráticos que trarão repertório analítico de reflexão do direito á cidade, ao considerar as vivências humanas como se apropriar dos lugares e as suas várias facetas, como a de exclusão que precisa ser combatida, na descrição de contaminação dos lugares como mencionadas por Relph.

Tudo isso não seria possível sem o aporte sobre os aspectos culturais e de memórias, principalmente a coletiva como anunciadas do Halbwachs, responsáveis pelas ações dos indivíduos que exercem ação sobre os meios. Não há neutralidade em viver no mundo, o fruto destas ações coletivas cria memórias e seu conjunto contam a história de um povo, uma história que será sempre universal.

O historiador Pierre Nora declara: “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história” (Nora, 1993, p. 13). Não se vive o ontem sem contribuir com o hoje e o hoje faz parte de uma cadeia de memórias que, se não evocada, estará fadada ao esquecimento, portanto, será apagada.

Assim também são os ícones de valor histórico que existem como testemunhos de uma herança

cultural, em uma sociedade mutável com tendência ao novo, por um processo natural de esquecimento, que só poderá ser mitigado com ações contínuas de rememoração das histórias. Entender como as pessoas se relacionam com o legado de patrimônio histórico de reconhecimento cultural é manter viva as memórias que insistem em ser esquecidas.

Historicamente, as áreas centrais das cidades são marcadas por uma coposição paisagística em que coexistem atividades realizadas por instituições de caráter público, estatutárias ou religiosas, somadas aos estabelecimentos comerciais e à circulação de bens e de serviços, para a realização de atividades que, por vezes se estendem, direta e ou indiretamente, para além dos limites da própria cidade e do município considerando as necessidades emprego, moradia e de abastecimento. Em tempos de globalização dependendo da importância econômica, algumas atividades comerciais e de mobilidade desenvolvem-se por escalas regionais e nacionais.

Quando novas áreas da cidade adquirem importância em funções urbanas valorizadas, ocorre um processo de esvaziamento das áreas de origem da cidade contribuindo com a deterioração e degradação dos centros. Na década de 1950 este processo causou preocupação nos países Europeus e Americanos, no Brasil os debates foram intensificados nos anos 1970, período da Ditadura Militar, evoluindo para o quadro atual de valorização dos centros históricos.

Rogério Proença (2007, p. 70) recorda que no Brasil a preocupação com as políticas de proteção patrimonial se deu a partir dos anos 30, no contexto da República Velha e instauração do estado Novo, tendo a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), através do Decreto-Lei nº 25 de 30 de dezembro de 1937 como um marco significativo atestando um claro compromisso do Estado com as questões patrimoniais reforçando a ideia estado nação.

Obras de infraestrutura viária foram implantadas visando atender aos interesses de uma nova dinâmica de usos de uma elite comercial que se instalou na área, a exemplo do alargamento da Avenida Magalhães de Almeida e Egito, entretanto nenhuma outra dinâmica de melhorias individuais ou coletivas foram implementadas de forma significativa causando uma preservação do modelo estilístico colonial e consequentemente poucas intervenções na manutenção do conjunto arquitetônico devido à baixa renda da população que passou a residir nesta área.

A partir desse movimento de especialização da mão de obra do profissional arquiteto e urbanista para as questões factuais sobre o urbano, a autora afirma que houve uma despolitização do urbanismo onde

o mesmo deixa de se inserir numa visão global de sociedade. Essa visão pretende ser quebra neste trabalho onde se mostrará como as alterações urbanísticas presentes na cidade de São Luís estão ligadas com os aspectos políticos que estão fortemente embricados na sociedade maranhense.

Desta forma, as vantagens que os espaços públicos representam para a vida citadina se manifesta em diferentes âmbitos como palco de poder político, infraestrutura urbana em seu planejamento urbano, trocas sociais que criam memórias, mobilidade e continuidade destacando os elementos praça, largo e rua como elementos morfológicos significativos que determinam a formação e expansão do desenvolvimento da cidade, tudo isso para entender de que maneira estas características são percebidas na cidade de São Luís do Maranhão, mais precisamente ao longo da Avenida Vitorino Freire que será melhor detalhado na última sessão deste trabalho.

As relações sociais promovidas pelos espaços públicos servem de termostato para o direito à cidade, uma vez que ao se ter acesso a cultura, esporte e lazer é um aspecto de qualidade de vida fundamental em uma cidade. Os espaços livres encontrados ao longo da Avenida Vitorino Freire em São Luís do Maranhão são espaços propícios para todas estas importantes trocas sociais e a forma como a população expressa essa ligação no meio virtual reflete em parte como funciona no meio real pois há pouca publicação sobre esse espaço singular para a cidade.

Portanto, têm-se aspectos de não-lugar e lugar muito significativo no trecho correspondente ao Anel Viário em contraposição ao Trecho correspondente a Capela de São Pedro que se destaca pela quantidade de registros em períodos específicos durante o mês de junho. Após filtrar a imagem a seguir por meio da localização “Capela de São Pedro” é possível encontrar depoimentos emocionantes dos visitantes que se sentem tocados em compartilhar sua percepção publicamente na rede social. devido às manifestações culturais do São João.

O trecho correspondente ao Anel Viário que passou por uma intervenção urbanística recente devido a obra no Terminal Rodoviário Fonte do Bispo, é possível identificar que se trata de um projeto multifacetado que – abarcou o aspecto viário, de mobilidade urbana, comércio e de lazer com a inserção de uma nova praça – tenta atender um maior número de demandas possível, levando em consideração os espaços de acessibilidade, contemplação e lazer.

Entretanto não leva em consideração aspectos bioclimáticos, a exemplo da pouca área de arborização se comparada à área de calçamento impermeabilizada pelo concreto, é um espaço de não lugar,

ou seja, de movimento e circulação contínua pois durante boa parte do dia não é possível sentar e apreciar a praça sem anteparos de sombreamento necessários, desta forma os registros nas redes sociais são diminutos e pouco expressivos.

REFERÊNCIAS

- ALEX, Sun. **Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo. Editora Senac, 2008.
- ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaços Públicos: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.
- ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. **São Luís – Reabilitação do Centro Histórico – Patrimônio da Humanidade**. 1949. São Luís: Foto Edgar Rocha, 2012.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. ISBN 85.326.2384
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Traduzido do original francês/Non-lieux - introduction à une anthropologie de la surmodernité/por Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2012 (Coleção Travessia do Século), 111 p.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Capítulo 01: A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008, p. 23-53
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280p. Disponível em : https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf Acesso: 11/06/2022
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BOTELHO, Tarcísio R. **Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís**. Revista Eure (Vol. XXXI, Nº 93), pp. 53-71, Santiago de Chile, ago. 2005.
- BRASIL, IPHAN. 1995. **Carta de Lisboa**. 1o Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de outubro de 1995. Disponível: chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/https://culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf. Acesso: 10/01/2023.
- _____. 1975. **DECLARAÇÃO DE AMSTERDÃ**. Disponível: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Amsterd%C3%A3m%201975.pdf>. Acesso: 09/01/2023
- _____. 1964. **CARTA DE VENEZA**. Maio de 1964. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf> Acesso: 21/01/2023

_____. 2009. **Planos de Ação para Cidades Históricas Patrimônio Cultural e Desenvolvimento Social.** Construindo o Sistema Nacional de Patrimônio Cultural. 37p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Cartilha%20-%20Planos%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20para%20Cidades%20Hist%C3%B3ricas.pdf> Acesso: 02/01/2023

_____. 2011. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** História e Patrimônio. Número: 34/2011. Organização: Márcia Chuva. 445p. Disponível: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat34_m.pdf . Acesso: 03/01/2023.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. **O Estado e o Patrimônio Cultural:** políticas de elitização e popularização na área central de São Luís. São Luís, v. 01, n. 01, p.01-10, ago. 2007.

CANTOR, José Guilherme Magnani. **De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, núm. 49, fevereiro, 2002. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10704902>. Acesso:12/06/2021.

CARVALHO, C. D. M. B de; CUTRIM, K. D. G.; COSTA, S. R. da. Empreendedorismo cultural e turismo: perspectivas para desenvolvimento das indústrias criativas no bairro da Madre Deus, São Luís (Maranhão, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, 12(2), 629-646.2017.<https://doi.org/10.1590/1981.81222017000200020>.
<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/ksK4JCr4t7XLGT9mSWVQV3P/abstract/?lang=pt#>Acesso:22/02/2022

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: Utopias e realidades. Uma antologia.** Estudos, volume 67. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** São Paulo, Ática, 1989.

COSTA, Maria Clélia Lustosa; SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. **Em busca da cidade moderna: a remodelação urbana de São Luís durante a Era Vargas (1936-1945).** Geosul, Florianópolis, v. 35, n. 76, p. 637-661, set./dez. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/71992-Texto%20do%20Artigo-275177-2-10-20201026.pdf>. Acesso: 02/06/2023.

DAVIM, David Emanuel Madeira. **Resenha: O homem e a terra: natureza da realidade geográfica (Éric Dardel, 2011).** Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXII(2): 245-246, jul-dez, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/72243168/O_homem_e_a_terra_natureza_da_realidade_geogr%C3%A1fica. Acesso: 26/12/2022

DAVIM, D. E. M.; MARANDOLA JUNIOR, E. J. FORÇAS EM LUTA: BACHELARD E NIETZSCHE NA GEOGRAFIA DE ÉRIC DARDEL. **Boletim de Geografia**, v. 38, n. 2, p. 94-112, 4 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/42847>. Acesso: 13/01/2022.

DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA, Roselyne de. **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia.** / Cristiane Rose Duarte, Roselyne de Villanova, (organização). Rio de Janeiro: Contracapa: UPERJ, 2013.

ESPÍRITO SANTO, José Marcelo (Org.). **São Luís: uma leitura da cidade. Prefeitura de São Luís / Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade.** São Luís: Instituto da Cidade, 2006. Disponível: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/1442_sao_luis_uma_leitura_da_cidade_parte5_pag82a93.pdf . Acesso: 22/01/2023

FERREIRA, Esmênia Miranda. **Os Manuais De Urbanidade Em Uma Cidade De Pianos E Grilhões: Os Códigos De Posturas Municipais Na São Luís Oitocentista.** ANPUH BRASIL – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. RECIFE, 2019.16p. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565318336_ARQUIVO_ARTIGOESMENIAANPUH2019.pdf. Acesso:02/06/2023

FORBES BRASIL. **BRASIL , é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo.** Forbes, 2023. Disponível em:<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso: 15/03/2023.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** Tradução: Anita Di Marco. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/28505069/Livro_Cidade_para_pessoas_Jan_Gehl. Acesso em: 07/11/2022.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Capítulo 02: **A memória coletiva e a memória histórica.**p.53-85. Vértice. 1990. Edições vértice. Editora revista dos tribunais ltda. Rua Conde do Pinhal, 78. 01501. -. São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf .Acesso: 17/01/2023.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo, Loyola, 1992.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.510p. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3843818/course/section/923498/JACOBS-Jane-1961-Morte-e-Vida-de-Grandes-Cidades%20%281%29.pdf> . Acesso em: 07/01/2023.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior.- Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** Dinalivro – Distribuidora Nacional de Livros, Ltda. Audil – Distribuição de livros e material audiovisual, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Tradução Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. – Belo Horizonte; Editora UFMG, 2008. 192p.

_____. **O Direito à Cidade.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra- usos da cidade e espaço público na experiência urbana contemporânea/** Rogerio Proença Leite. - 2ª ed.- Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

LOPES, José Antonio Viana; VALE, Paulo Henrique Correia Silva Sá. **UM LEGADO DO URBANISMO MODERNO EM SÃO LUIS: O Projeto de Lúcio Costa para o Novo Polo Urbano**

(1979). 7º Seminário Docomomo Brasil – Porto Alegre (2007). Disponível em : chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://7docomomomanaus.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/um_legado_do_urbanismo_moderno_em_s%C3%83o_luis.pdf. Acesso:30/05/2023.

MALANSKI, L. M. Resenha: **Éric Dardel – O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Terr@ Plural (UEPG. Online), v.9, p.135-142, 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther (Org.); OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. v. 3000. 328 p.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** Petrópolis, RJ. 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 7-28. 1993.

PFLUEGER, Grete Soares. NUNES, Alicia Maria Pires; **Urbanismo Visionário: O plano de Ruy Mesquita para expansão para São Luis em 1958.** Anais Sessões Temáticas: Trajetória das ideias, representações e experiências urbanísticas. XVI ENANPUR: Espaço, Planejamento e insurgências. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/download/2293/2272/>. Acesso:12/04/2023

PACHECO, Ellis Monteiro dos Santos. **O papel das normativas na preservação e ocupação do conjunto arquitetônico e paisagístico de São Luís-MA.** Dissertação. Mestrado Profissional. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014

PREFEITURA anuncia obras de revitalização no Centro Histórico de São Luís, O IMPARCIAL, 2017. Disponível: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/02/prefeitura-anuncia-obras-de-revitalizacao-no-centro-historico-de-sao-luis/>. Acesso: 12/05/2023.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Capítulo 01: Memória e Imaginação. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROCHA, Nathália Christine G. **PRÁTICAS COTIDIANAS NO ESPAÇO PÚBLICO TOMBADO: Uma análise do Complexo Deodoro de São Luís - MA.** Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo - UEMA, 2019.

SÃO LUÍS. Código de Posturas – 1842. Câmara Municipal da Capital, 1842. IN. São Luís. MARANHÃO. Arquivo Público do Estado. **Coleção das leis, decretos e resoluções da província do Maranhão (1835-1848).** São Luís, 1824.

SEMPE, 2018. **Memorial Descritivo Terminal Fonte do Bispo.** Produto 21.Projetos executivos, orçamentos e cronogramas. Fase 4 | projetos executivos. 21. Projetos executivos do entorno de urbanização e paisagismo. Contrato de empréstimo no 2715/ocbr | Sdp no 002/2018 | secretaria municipal de projetos especiais - SEMPE

SENADO FEDERAL. **Cidades Históricas: inventário e pesquisa: São Luís – Rio de Janeiro**: IPHAN, 2006.

SILVA, Gabriela Melo. **O PLANO DE EXPANSÃO DA CIDADE DE SÃO LUÍS: as ideias de Ruy Mesquita para o crescimento da capital maranhense**. Vi Jornada Internacional De Políticas Públicas - UFMA, 2013. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo13-questaurbanaegestaodascidades/pdf/oplanodeexpansaodacidadedesauluis.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo13-questaurbanaegestaodascidades/pdf/oplanodeexpansaodacidadedesauluis.pdf). Acesso:11/05/2023.

TERMINAL E PARQUE URBANO EM SÃO LUÍS: Resignificando o espaço público estrategicamente, Natureza Urbana, 2021. Disponível em: <https://naturezaurbana.net/projetos/terminal-e-parque-urbano-em-sao-luis/>. Acesso: 30/01/2023

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Tradução Livia de Oliveira) Londrina: EDUEL, 2012. 342 p.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**, v. 3, p. 75-103, 2000.

APÊNDICE A: INSTRUMENTO PARA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

1- DADOS PESSOAIS:

- Nome:
- Data de nascimento:
- Bairro:
- Telefone de contato:
- Email:

2- Tipo de transporte usou para acessar o local?

3- Que atividade desempenha na área? Costuma visitar o local com que frequência?

4- O que achou sobre o local? A opinião mudou após as últimas visitas?

5- Como definiria sua relação com este espaço público?

6- Recomendaria para alguém?

7- Usa redes sociais? Quais?

8- Já viu informações ou conhecidos postando informações sobre esse local na internet?

9- Postou nas suas redes sociais?

10- Se sente influenciado quando alguém posta sobre esses assuntos nas redes sociais?

11- Considera este espaço como pertencente ao patrimônio histórico, de lazer ou cultural da cidade?

APÊNDICE B: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTRUMENTO PARA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uma leitura de lugar em Patrimônio Histórico na era digital.
Experiências instagramáveis no Anel Viário em São Luís - MA

Pesquisador: NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68341823.8.0000.5087

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.619.242

Apresentação do Projeto:

Uma Leitura De Lugar Em Patrimônio Histórico Na Era Digital: Experiências instagramáveis no Anel Viário em São Luís - MA. É uma pesquisa de campo de caráter exploratória e descritiva com duas facetas de coleta de dados, de maneira visual in loco, com levantamento fotográfico e entrevistas semiestruturadas, e netnográfica, por meio de análise de fotos dos usuários da rede social Instagram através de pesquisa com uso de # e/ou marcação da localização no Google Maps do trecho em estudo, no caso o Anel Viário localizado na Avenida Vitorino Freire. Ambas as facetas com uma abordagem qualitativa onde as informações serão convertidas em planos de manchas com utilização da planta baixa do espaço com as devidas legendas das informações coletadas. Este trabalho visa compreender como se insere a ideia de espaços de memória, localizados nos espaços públicos urbanos, nas áreas adjacente histórico, na contemporaneidade, da era digital; uma

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

relaçãodo que se vivencia com o que se é
compartilhado nas redes sociais, o Instagram.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Continuação do Parecer: 6.619.242

Discutir como se insere a compreensão dos espaços de memória na contemporaneidade pela população, uma abordagem teórica sobre espaços públicos urbanos, através de um recorte sobre as recentes obras de reestruturação urbana na Avenida Vitorino Freire, localizada em São Luís do Maranhão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Esta pesquisa pode oferecer riscos mínimos de origem psicológica causando algum tipo de desconstrangimento, cansaço, estresse ou aborrecimento ao responder o questionário; Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista.

Riscos relacionados à divulgação de imagem, devido aos registros fotográficos que poderá causar exposição da imagem do participante em imagens que possam resultar na sua identificação.

Benefícios:

Contribui no debate sobre a necessidade de infraestrutura urbana, vitalidade devido a relação de vínculos e pertencimento como artifício para a uso e apropriação de espaços públicos, seu valor patrimonial, cultural e histórico significativo para a população da cidade de São Luís do Maranhão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto tem relevância acadêmica, justificando a realização do estudo

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Entregues de forma adequada

Recomendações:

Nenhuma

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA**



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Deferido

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Continuação do Parecer: 6.619.242

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	14/09/2023 16:03:44		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_COMITE_DE_ETICA_assinado.pdf	14/09/2023 16:01:41	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	13/09/2023 19:55:16		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	05/09/2023 16:38:37		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_COMITE_DE_ETICA_assinadoNATHALIA.pdf	05/09/2023 16:34:58	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_COMITE_DE_ETICA_assinadoNATHALIA.pdf	05/09/2023 16:34:58	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Recusado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	01/09/2023 18:51:19		Aceito
Folha de Rosto	F_ROSTO_PLATAFORMA_BRASIL_nathalia.pdf	01/09/2023 18:48:21	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Folha de Rosto	F_ROSTO_PLATAFORMA_BRASIL_nathalia.pdf	01/09/2023 18:48:21	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Recusado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	22/08/2023 17:01:33		Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_RESPOSTA_COMITE_DE_ETICA_assinado.pdf	22/08/2023 16:55:47	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_RESPOSTA_COMITE_DE_ETICA_assinado.pdf	22/08/2023 16:55:47	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Recusado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	02/08/2023 11:41:45		Aceito
Folha de Rosto	F_ROSTO_PLATAFORMA_BRASIL_nathalia.pdf	02/08/2023 11:41:22	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Recusado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2072085.pdf	31/07/2023 22:05:11		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_PARA_USO_DE_ESPACO_PUBLICO_PARA_PESQUISA_DE_CAMPO_assinado.pdf	29/03/2023 10:33:12	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA**



Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PLATAFORMABRASIL_assinado_assinado.pdf	25/03/2023 17:49:16	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO_TCLE.docx	25/03/2023 17:46:43	NATHALIA CHRISTINE	Aceito

Continuação do Parecer: 6.619.242

Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO_TCLE.docx	25/03/2023 17:46:43	ROCHA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ANTEPROJETO_EDITAL_AGEUFMA_N41_2021.pdf	16/03/2023 16:43:24	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Outros	ANTEPROJETO_EDITAL_AGEUFMA_N41_2021.docx	13/03/2023 01:45:32	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.xlsx	13/03/2023 01:06:57	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito
Outros	Instrumento.docx	12/03/2023 12:48:27	NATHALIA CHRISTINE GARCEZ ROCHA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 22 de Janeiro de 2024

Assinado por: **Emanuel Pércles Salvador**

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br